

KAREN FERNANDA SKARE SOUZA

**O PAPEL DA FAMÍLIA NA OCUPAÇÃO DE TERRENOS URBANOS EM
CURITIBA (JARDIM ICARAY, 1990-2005)**

HISTÓRIA - UFPR

**CURITIBA
2005**

KAREN FERNANDA SKARE SOUZA

**O PAPEL DA FAMÍLIA NA OCUPAÇÃO DE TERRENOS URBANOS EM
CURITIBA (JARDIM ICARAY, 1990-2005)**

Monografia apresentada ao curso de
graduação em História do Setor de
Ciências Humanas, Letras e Artes da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Cesar de
Almeida Santos

**CURITIBA
2005**

*Agradeço a Deus, meu marido Eduardo, minha filha Ester,
prof. Antonio Cesar e a todos os entrevistados da Vila Icaray,
sem cuja colaboração este trabalho não seria possível*

*“O conselho da sabedoria é:
Procure obter sabedoria; use
tudo o que você possui para
adquirir entendimento.”*

*Provérbios 4:7
Bíblia Sagrada-N VI*

SUMÁRIO

RESUMO.....	v
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – MIGRAÇÃO RURAL-URBANO.....	10
CAPÍTULOII – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	17
CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS.....	29
ANEXOS.....	31

RESUMO

O PAPEL DA FAMÍLIA NA OCUPAÇÃO DE TERRENOS URBANOS EM CURITIBA (JARDIM ICARAY, 1990-2005)

Karen Fernanda Skare Souza

Orientador: Prof. Antonio César de Almeida Santos

A modernização agrícola dos anos 1970, reflexo da expansão capitalista, foi responsável pela expulsão de trabalhadores rurais e pequenos proprietários em direção às cidades, gerando um processo de urbanização crescente e desordenado. Esse morador do campo vivia com uma cultura própria, baseada na economia de subsistência e na valorização do grupo familiar, mas com o crescimento do latifúndio e da mecanização agrícola, esse modo de vida caboclo passou a ser inviável, levando à migração em direção aos centros urbanos, na busca de melhorias nas condições de vida. Esses migrantes, que em sua maioria passaram a viver nas periferias das cidades, originavam-se de diversos lugares, e passavam a criar uma identidade própria em torno de local de moradia. Adequando-se à nova realidade, muitos valores tradicionais permaneceram. Dentre eles, a valorização do grupo familiar, tanto no plano econômico quanto no plano social e moral. O processo de ocupação do Jardim Icaray, localizado na periferia da cidade de Curitiba, foi marcadamente influenciado por esta importância das relações familiares, conforme depoimentos de moradores do local. Embora a instalação na Vila Icaray tenha ocorrido como possibilidade de melhorar as condições de vida da família, deixando de pagar aluguel, a escolha do lugar foi determinada pela presença de algum familiar já residente ali. É possível notar também que essa rede de obrigações que envolve os membros do mesmo grupo familiar, estendendo-se aos vizinhos, revela-se nas trajetórias de vida levantadas, uma vez que todos contaram com a ajuda dos mesmos no momento da mudança para a invasão e para melhorar as condições do local. Assim, os depoimentos confirmaram o valor da família para os moradores do local, na medida em que influenciou a direção do movimento migratório para o Jardim Icaray.

Palavras-chave: migração rural-urbano; família; pobres; história oral

INTRODUÇÃO

O trabalho desenvolvido tem a intenção de entender o papel da família no processo de ocupação de um terreno urbano em Curitiba, denominado Jardim Icaray ou Vila Icaray. A Vila é uma área de ocupação irregular situada no bairro do Uberaba na divisa com o município de São José dos Pinhais, compreendida entre a Br 277 e a Avenida das Torres. Dois mapas apresentados a seguir detalham a localização da invasão.

A ocupação da região teve início por volta da primeira metade da década de 1990, com alguns moradores que invadiram a área, considerada imprópria para habitação por ser área de manancial, construindo pequenos barracos de lona, ligando luz elétrica e água clandestinamente. Hoje o Jardim Icaray conta com mais de 1200 famílias habitando, em geral, casas bastante precárias, num local sem serviços públicos tais como água encanada, luz elétrica, calçamento nas ruas, coleta de lixo e transporte público coletivo. Trata-se, portanto, de uma área bastante pobre com uma população de baixa renda, quando ela existe.

Para discutir a importância da família no processo de ocupação da Vila Icaray, ela foi inserida no processo de urbanização ocorrido em decorrência da expansão capitalista dentro do contexto brasileiro e curitibano. A construção de fontes orais através de entrevistas foi feita a fim verificar a importância da família para os pobres¹ do local em questão e o papel da mesma no processo de apropriação deste espaço. Como ressalta Maria Teresa Nabão, com as fontes orais pode-se ir além do conhecimento do fato, entendendo de que maneira o mesmo foi vivenciado pelo indivíduo e pelo grupo, como foi percebido, quais as motivações para tal e como ele é percebido hoje.²

¹ O conceito de pobres dentro deste trabalho refere-se, em linhas gerais, àqueles destituídos de instrumentos que lhes confirmam poder, prestígio e bens materiais; mesmo conceito utilizado em SARTI, C. A. **A Família como Espelho**. Um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo. Tese de doutoramento, São Paulo, 1994.

² NABÃO, M. T. P. **Algumas questões acerca da utilização de fontes orais no âmbito da pesquisa histórica**. In: Pós-história. Assis, v.8 – p. 121-143, 2000. p. 122.

A utilização deste tipo de fonte traz consigo um certo receio no que diz respeito à sua legitimidade. Marieta de Moraes Ferreira³ faz uma análise da trajetória das fontes orais nos estudos históricos e revela que a utilização deste tipo de fontes no meio acadêmico só passou a ser aceita, levantando a amplo debate acerca do assunto, nas décadas de 1970 e 1980. Nesse período “(...) incorporou-se o estudo de temas contemporâneos, revalorizou-se a análise qualitativa, resgatou-se a importância das experiências individuais, ou seja, deslocou-se o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares”.⁴ A concepção de que a fonte escrita era uma mostra objetiva de um passado morto transformou-se, passando a ser considerada passível de interpretações diferentes de acordo com sua articulação com o presente. Além disso, entendia-se agora que o micro e o individual podem revelar a realidade mais ampla em que se inserem.

No mesmo momento, as discussões sobre as diferenças entre história e memória contribuíram para o fim da crença na objetividade da história,⁵ demonstrando que o passado é uma construção feita a partir das questões do presente. Assim, a subjetividade das fontes orais passou a ser entendida nesta lógica, sendo aceitas nos meios acadêmicos como campo adicional de pesquisa.

Para o estudo aqui proposto, partilhamos a idéia de utilizar fontes orais a fim de dar voz a uma população que em geral não tem acesso a outros meios de expressão. Contudo, não se trata de um manifesto em favor dos oprimidos, embora busque levar a uma reflexão sobre as desigualdades sociais engendradas pelo avanço capitalista e industrial. É um trabalho que busca revelar um aspecto da sociabilidade dos pobres, sua maneira de enxergar a família, analisando a organização ao redor desta num movimento migratório específico.

³ FERREIRA, M. M. **História Oral**: um inventário das diferenças. In: Entre-vistas; abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1984.

⁴ Ibid., p. 6

⁵ Marieta de Moraes Ferreira aponta estas diferenças da seguinte forma: “A história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente”. Id., p. 8.

Assim, os relatos são utilizados como evidências, entendendo que a memória ou a recuperação desta constitui uma reconstrução do passado. Reconstrução esta feita a partir de elementos emocionais e sociais, uma vez que o que é lembrado sempre está relacionado à experiência pessoal do entrevistado e a um conjunto de referências.

A condução das entrevistas foi feita com base no que propôs Antonio César de Almeida Santos no texto *Eu conheci Curitiba com bastante facilidade*. A entrevista buscou levar o entrevistado a uma retrospectiva do passado, levando à construção de uma trajetória de vida. A partir desta trajetória é que foram analisados pontos importantes sobre o papel da família durante o processo de ocupação do Jardim Icaray. Levantadas todas as trajetórias de vida, elas foram analisadas no conjunto, a fim de reorganizá-las, pois “reorganizar os depoimentos significa (...) identificar recorrências e agrupá-las, ordenando-as em um eixo diacrônico”.⁶

Foram entrevistadas 9 pessoas, com idades entre 25 e 50 anos, moradores da Vila Icaray. Rosângela Moreira tem 29 anos. Nasceu em Curitiba e morou alguns anos em Jacarezinho. Aos 9 anos retornou à Curitiba, onde engravidou aos 16 anos. Foi expulsa de casa e passou a morar com uma família de amigos. Conseguiu um emprego, onde teve seu filho e muita ajuda da patroa, mas precisou deixar o serviço quando o patrão adoeceu. Passou a dividir o aluguel de uma casa na Vila São Paulo, bairro curitibano, com o primo de uma amiga chamado Cláudio, com quem passou a viver junto. Com ele teve mais 2 filhos e morou em uma invasão no município de Almirante Tamandaré e no bairro do Guabirota. Mudou-se para o Jardim Icaray há cerca de 6 anos, depois de seu companheiro ganhar o terreno em troca de serviços. Ele é pedreiro, e ela diarista. Preocupados com o filho mais velho que tem 12 anos, tentam vender a casa para morar em uma pequena cidade do norte do Paraná, com o pai de Cláudio.

Alicia e Nivaldo, que não citaram seus sobrenomes na entrevista, são moradores da Vila Icaray há 3 anos. Eles vivem juntos há 15 anos e têm 3 filhos,

⁶ SANTOS, A. C. A. Eu conheci Curitiba com bastante facilidade. In: SANTOS, A. **Memórias e cidade: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990)**. Curitiba, 1993. Dissertação (Mestrado em História). UFPR. p. 3.

Tiago, Bruno e Érika. Conheceram-se na favela do Parolim, outro bairro de Curitiba, onde viviam desde pequenos. Saíram de lá para morar em Matinhos, no litoral, onde ele trabalhou como vigia noturno. Retornaram ao Parolim, indo mais tarde para o conjunto Lorena, nos fundos da casa da mãe de Alicia. Quando souberam, por intermédio da mãe de Nivaldo, da possibilidade de comprar um terreno na Vila Icaray, venderam a casa que tinham no Parolim para a irmã dele e construíram parte da casa em que vivem hoje. Ele trabalha como vigia noturno há 12 anos e ela com limpeza, na rede de supermercados Mercadorama.

Denivalda Santiago Balosi, conhecida como Dinha, tem 29 anos e vive na Vila Icaray desde 1999. Nasceu na Bahia e lá teve 2 filhos. Morava com a família em uma casa própria. O irmão mais novo mudou-se para Curitiba para trabalhar, no entanto, não foi o que fez. Os parentes com os quais morava passaram a fazer reclamações e alertas para sua mãe sobre sua situação em Curitiba. A mãe de Dinha resolveu então vir atrás do filho juntamente com seu marido e filha mais nova em 1998. Após alguns meses, seu marido faleceu deixando-a profundamente entristecida. As filhas mais velhas, que moravam na Bahia, deixaram a casa onde viviam e mudaram-se também para Curitiba, a fim de fazer companhia para a mãe. Dinha veio grávida e com dois filhos pequenos, sem o companheiro, pois já estava separada na época. A casa que possuíam na Bahia ficou sob os cuidados de uma amiga e sob a supervisão do pai. Inicialmente, Denivalda encontrou dificuldades para se empregar. Trabalhou como ajudante de pedreiro e mais tarde no setor de limpeza da rede de supermercados Pão de Açúcar. Saiu deste último por dificuldades de relacionamento com seu supervisor e encontra-se desempregada até hoje.

Valdete tem 37 anos e Edson 26 anos, também não mencionaram seus sobrenomes. Vivem juntos e tem uma filha. Valdete nasceu em São Paulo e mudou-se com a família para Foz do Iguaçu com 7 anos, onde Edson também morava com a sua. Há cerca de 4 anos moram na Vila Icaray. A casa deles está à venda, pois pretendem voltar para Foz, já que em Curitiba sentem-se muito sozinhos. A mudança para Curitiba ocorreu depois de uma visita à Foz do Iguaçu da tia de Valdete que já morava na Vila. Ela recomendou a cidade pela teórica

facilidade de emprego. Eles migraram e passaram a morar nos fundos da casa desta tia. Lá se desentendiam muito com ela e passaram necessidades, segundo relataram. Após 8 meses trabalhando como diarista e empregada doméstica, Valdete conseguiu juntar uma boa quantia de dinheiro, comprando a casa onde moram hoje. Eles estão desempregados, mas trabalham catando papel.

Marlene do Rocio Dias tem 47 anos e vive na invasão há 10 anos. Ela mora junto com José Carlos, com quem tem 5 filhos. Ela é natural de Mafra, Santa Catarina. Ainda solteira, teve uma filha, hoje com 27 anos e residente de Jaraguá do Sul, com quem não mantêm contato regular. Casou-se em seguida e teve mais uma menina, que faleceu. Seu casamento durou 4 anos. Mais tarde passou a viver com José Carlos. A vinda para Curitiba ocorreu por influência da sogra, que recomendou a região pela facilidade de empregos e pela moradia que teoricamente a prefeitura cederia a eles, com isenção de aluguel e contas de água e luz. No entanto, esta expectativa foi frustrada. Quando chegaram na cidade passaram a morar num imóvel alugado no conjunto Alvorada, próximo à Vila Icaray, inexistente ainda naquele momento. Devido às dificuldades de emprego, e aos vícios do companheiro, invadiram a área onde hoje é a Vila, e construíram uma casa com o que restou da madeira que o irmão de Marlene cedeu, uma vez que José Carlos vendeu boa parte do material para comprar drogas e bebidas, segundo o relato de Marlene. Isso ocorreu há 10 anos, quando os terrenos não eram comercializados, e os espaços eram ocupados com barracos de lona para depois serem transformados em casas mais definitivas. Desde então, ela trabalha esporadicamente como diarista e o companheiro cata papel, mas segundo ela, não ajuda no sustento da família. O sustento vem basicamente do dinheiro de programas do governo federal, como o Bolsa Escola.

Perci, outro entrevistado que não disse seu sobrenome, morava em Foz do Iguaçu, onde tinha um restaurante. Lá comprou um apartamento da construtora Encol, que faliu, deixando-o em dificuldades. Seu irmão morava em Curitiba, na Vila Icaray, e recomendou o lugar como próprio para o comércio. Perci vendeu o restaurante e mudou-se para a Vila com a esposa e 3 enteados, onde comprou a casa onde vive e abriu uma pequena venda. Com esse comércio e com a compra

e venda de terrenos no local, conseguiu abrir um comércio maior, bem estruturado.

Teófilo Álvares Tavares tem 28 anos e é morador fundador da invasão, como ele mesmo se intitula. Nasceu e cresceu em Curitiba, na região do Cajuru. Junto com o pai e mais um grupo de pessoas viu na área onde hoje é a Vila Icaray uma oportunidade de fixar moradia. Apesar de saberem que a área era proibida para habitação, por ser área de manancial, invadiram o lugar, construindo barracos de lona, puxando canos de água e fios de luz clandestinos. Enfrentaram represália da polícia, mas em pouco tempo a região foi sendo tomada por mais e mais moradores. Isso ocorreu há mais de 10 anos. Foi na Vila que Teófilo conheceu sua companheira, 10 anos mais jovem, com quem tem uma filha. Para lá também foram parte de seus parentes. Hoje ele é presidente da Associação de Moradores e procura lutar por melhorias no local e trabalha com esculturas de sucatas. Há pouco tempo encontra-se desempregado.

Assim, é a partir desses indivíduos, que foram entrevistados, que procuramos discutir a importância da família no processo de ocupação do Jardim Icaray, que também conta com alguns projetos sociais ligados, em geral, a instituições religiosas. Esses projetos desenvolvem atividades, especialmente com as crianças, na área da recreação, ensino religioso, reforço escolar e cursos variados para todas as idades. As igrejas de denominações evangélicas e algumas católicas estão espalhadas por toda a Vila e agregam parte da população local.

Nesta monografia, inicialmente vamos estudar o processo de urbanização ocorrido em meados do século XX no Brasil e este processo no contexto paranaense e curitibano. A questão da migração rural-urbana e do conseqüente aumento das populações habitantes das periferias das cidades serão ressaltados em seguida. O modo de vida desses migrantes também será abordado e as transformações ocorridas em relação à cultura vivida no campo e a nova identidade nos centros urbanos, destacando o lugar ocupado pela família nas duas situações.

Em um segundo momento, a partir da análise das entrevistas, procuramos descrever o Jardim Icaray, seu crescimento ao longo da última década e especialmente a importância da família para os moradores do local e se a mesma influenciou o processo de ocupação da região. Como anexo, apresentamos a transcrição das entrevistas.

De certo modo, podemos apontar que foi possível, através dos relatos colhidos, perceber que a trajetória do migrante segue a lógica da experiência do grupo familiar de origem, que as relações parentais e de vizinhança tem fundamental importância no meio de vida econômico e social de cada um, marcando profundamente a ocupação da Vila Icaray.

CAPÍTULO I

MIGRAÇÃO RURAL-URBANO

Qualquer local onde um grupo de pessoas vive e produz deve ser considerado social e historicamente. Maria Adélia de Souza, em *Governo Urbano*¹, ressalta a questão da apropriação do espaço como um desafio permanente para a humanidade, considerando-o uma linguagem da História: “Ingênuo pensar que o espaço (...) é um mero suporte dos homens e de suas atividades. O espaço é social”.² Ana Fani A. Carlos, em *A cidade*³, defende a perspectiva social do espaço urbano, na medida em que “a cidade é uma realização humana, uma criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas”.⁴

A cidade contemporânea, estruturada em função do modo de vida capitalista, torna-se local de esperança de uma vida melhor, para onde muitos migrantes se dirigem esperando nela encontrar possibilidades de ascensão social e de acesso a bens de consumo, através do trabalho. Ao mesmo tempo, essa mesma cidade é local de frustrações, pois abriga diferenças sociais gritantes, desemprego e problemas urbanos como favelas e violência, impossibilitando o acesso aos produtos desejados. Ou seja, juntamente com o processo de urbanização, passaram a surgir problemas devido ao rápido crescimento das cidades. Esses problemas caracterizam-se pela falta de espaço para abrigar o grande contingente de imigrantes, vindos especialmente do meio rural, que se alojam nas regiões periféricas das cidades, sem qualquer infra-estrutura como luz, água, esgoto etc.

Para o contexto brasileiro, a industrialização veio responder a um interesse das classes dominantes em aliar-se ao grande capital, modernizando a economia para inserir o Brasil no mercado internacional com maior intensidade. Isso ocorreu principalmente a partir da década de 1930. O meio urbano foi ganhando significado e importância, enfraquecendo o meio rural e expulsando o trabalhador para as cidades, onde havia maior

¹ SOUZA, M. A. **Governo Urbano**. São Paulo: Editora Nobel, 1988.

² Ibid., p. 65.

³ CARLOS, A. F. A. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

⁴ Ibid., p. 57.

oferta de empregos, nas fábricas. Logo, a ocupação intensiva das grandes cidades no Brasil ocorreu visando responder a lógica do sistema capitalista onde a obtenção de lucro passou a vigorar e a delinear o modo de trabalho e de vida da sociedade. Fez-se necessário então, o desenvolvimento de novas técnicas e estratégias que diminuíssem o custo de produção para que os lucros aumentassem.

A urbanização acelerada de meados do século XX trouxe muitos problemas, dada a rapidez do processo de urbanização no Brasil. Não houve qualquer planejamento que pudesse controlar e organizar o crescimento das cidades. Esse crescimento não foi acompanhado pela estruturação da cidade, porque simplesmente este modelo de desigualdades, que torna a cidade um lugar indigno de vida, é a reprodução da sociedade e de sua estrutura.⁵ Ou seja, a cidade é o local das desigualdades necessárias para o bom funcionamento do modelo econômico capitalista. A urbanização ocorreu num processo desigual, em meio a uma sociedade desigual, tornando o meio urbano o local da visualização concreta desta realidade.

Seguindo a lógica brasileira, mas com suas próprias particularidades, o estado do Paraná passou também por uma industrialização e urbanização a partir de meados do século XX, buscando mais intensamente, na década de 1990, deixar a marginalidade no processo para tornar-se importante centro econômico assim como São Paulo. Conforme Dennison de Oliveira, em *Urbanização e Industrialização no Paraná*⁶, nos anos 1930, a extração da madeira e o café passam a movimentar a economia paranaense. Durante a década de 1960, o café entrou em declínio, dando lugar ao cultivo de soja no estado. A cultura de soja teve um impacto muito forte na industrialização e urbanização paranaenses, uma vez que a mecanização das lavouras levou a um grande contingente de trabalhadores rurais desempregados. Além disso, os pequenos e médios proprietários que não possuíam condições financeiras para aderir à lavoura de soja acabavam perdendo suas terras. “Não é por acaso que a população urbana paranaense finalmente ultrapassa a rural ao fim dos anos 70”.⁷ As favelas e cortiços já eram então uma realidade nas principais cidades paranaenses.

Oliveira ressalta ainda o papel fundamental dos empresários no processo industrial, uma vez que seus interesses têm influência direta no crescimento industrial e urbano. Da

⁵ SOUZA, op. cit., p. 6

⁶ OLIVEIRA, D. *Urbanização e Industrialização no Paraná*. Curitiba: SEED, 2001.

⁷ Ibid., p. 37.

parte do poder público verifica-se a inexistência, à princípio de uma preocupação com as condições de vida nas cidades para os trabalhadores de baixa renda e para a população carente em geral.

Em Curitiba, a preocupação com uma reforma urbana só ocorreu quando houve o interesse de criar um distrito industrial.⁸ Era preciso uma cidade mais organizada e estruturada, trabalhadores mais saudáveis para receber o contingente industrial planejado. A implantação da Cidade Industrial de Curitiba ocorreu com certo êxito, dando impulso econômico para a região e com indústrias consideradas pouco poluentes, embora por erros de gerência tenha deixado dívidas, ações judiciais e danos ao meio ambiente. Contudo, não houve uma preocupação em estender os benefícios deste parque industrial para as regiões metropolitanas, o que acarretou para as mesmas um crescimento industrial desorganizado, poluente e todos os problemas urbanos já ressaltados, característicos de um crescimento desordenado.

Na década de 1990, ocorria no Brasil uma desnacionalização profunda da economia. No Paraná, isso fica muito evidente principalmente com a implantação, através de incentivos do governo, de multinacionais automobilísticas na região metropolitana de Curitiba. Essa política foi adotada abertamente com vistas a trazer para o estado efeitos positivos sobre a economia.⁹ Essa tendência nacional e local trouxe de fato a compra de muitas empresas paranaenses por empresas internacionais. Além disso, em âmbito nacional, vigorava o chamado Regime Automotivo Brasileiro, o qual procurava atrair as montadoras internacionais para o país, o que resultou numa guerra fiscal, em que os estados lutavam para atrair para si essas empresas às custas de enormes incentivos fiscais e propagandas da sua região.

Para Curitiba, construiu-se uma imagem de cidade bonita, limpa, organizada, uma cidade modelo. Dennison de Oliveira, em *Curitiba e o mito da cidade modelo*¹⁰, procura refletir acerca do planejamento urbano ocorrido em Curitiba a partir de 1971, procurando entender de que forma o jogo político, juntamente com os interesses da elite econômica local, manipulou o processo de urbanização na cidade de Curitiba e sua imagem, ocultando

⁸ Id., p. 59.

⁹ Id., p. 74.

¹⁰ OLIVEIRA, D. *Curitiba e o mito da cidade modelo*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

diversos problemas sociais gerados pela desigualdade. Dentro deste contexto, a urbanização ganhou importância e interesse político, no sentido de fazê-la de forma sustentável.¹¹

A Vila Icaray é fruto dessa urbanização desordenada na cidade de Curitiba. É um local bastante precário onde pessoas pobres vivem sem acesso a benfeitorias públicas. O surgimento e alastramento de regiões como esta nas grandes cidades é um fenômeno típico da expansão capitalista, que também levou à expulsão do homem do campo rumo aos centros urbanos. Ou seja, com a expansão capitalista, as máquinas substituíram o homem, a terra tornou-se mercadoria e abriu-se uma comunicação maior com o mercado, o que gerou novas necessidades.

O aumento dos latifúndios e da lavoura de exportação no Brasil fez os pequenos proprietários e trabalhadores rurais ocuparem terras menos importantes e produtivas e lá desenvolverem uma economia de subsistência, criando uma comunidade às margens da grande lavoura. Com métodos rudimentares de produção e preocupados apenas com o sustento próprio, essas comunidades desenvolveram um modo de vida próprio formando a chamada “cultura cabocla”.

Neste contexto de isolamento e auto-suficiência, o princípio de organização social das comunidades caboclas passava pelas relações de parentesco e de compadrio, que encontravam na vizinhança a unidade da vida social.

Essa “cultura cabocla” é analisada por Eunice Durhan, em *A Caminho da Cidade*, e considerando que a industrialização retirou do trabalhador rural e pequeno proprietário a possibilidade de manutenção do seu meio de vida, no qual a economia de subsistência era suficiente, utilizando-se de técnicas bastante simples de cultivo do solo em função da relativa facilidade de obtenção de novas áreas. Para Durhan, a constituição da forma de vida cabocla, ou seja, dos trabalhadores rurais livres que tinham como única opção de trabalho a lavoura de subsistência, consistia em um sistema econômico marginal à lavoura de exportação com relativa autonomia em relação ao mercado. A desestruturação desse modo de vida levou à migração para cidades que apresentassem melhores possibilidades de sobrevivência e trabalho, que em geral eram os grandes centros, como São Paulo.¹²

¹¹ Ver MENEZES, C. L. **Desenvolvimento urbano e meio ambiente: A experiência de Curitiba**. Campinas: Papyrus, 1996.

¹² DURHAN, E. **A Caminho da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

Durhan também ressalta que independente da região do país, as diferentes populações rurais apresentavam uma uniformidade na organização social, provavelmente pela característica em comum da economia de subsistência. Esta tornava o grupo familiar na unidade produtiva, e os parentes e vizinhos na unidade de cooperação, através de trocas. Contudo, essas relações não formavam um sistema de regras que estabelecesse a organização cabocla. Ela apresentava uma organização fluída, baseada no individualismo, no igualitarismo e no personalismo, como ressalta Durhan.

A medida que o latifúndio se expandiu, o caboclo foi expulso de sua terra por não ter a posse legal da mesma. Foi obrigado então a criar uma relação de dependência com grandes proprietários, trabalhando para eles geralmente como agregado. Isso trouxe uma abertura na sociedade cabocla, que iniciou a quebra do isolamento anterior em relação à sociedade capitalista mais ampla, que acabou por impossibilitar um meio de vida baseado na subsistência e na não circulação de moeda. Ocorreu a criação de novas necessidades, de bens de consumo até então desconhecidos.

A crescente mecanização agrícola dispensou os trabalhadores rurais e deixou os pequenos proprietários sem conseguirem acompanhar as inovações tecnológicas. “Solicitados de um lado por novas necessidades, limitados de outro por uma tecnologia pobre, o homem do campo é objeto de tensões cada vez maiores, ante as quais a emigração se apresenta como uma das poucas soluções possíveis.”¹³ A cidade se apresenta como o local que pode oferecer melhores condições de vida, e a alternativa de mudança aparecia como solução para o problema familiar, não como um projeto individual. Dessa forma, primeiramente alguns membros da família mudavam-se para as cidades, em geral, os mais jovens, que mais tarde traziam o restante da família para junto de si. Era um movimento de segmentação com posterior recomposição do grupo familiar.¹⁴ Essa mudança ocorria sempre para algum lugar em que se tinha contato com algum parente ou conhecido.

O movimento migratório ocorreu especialmente em sentido às grandes cidades, mais industrializadas. No entanto, a indústria não era capaz de absorver toda a mão-de-obra que chegava do campo, o que levava o imigrante a ocupar-se com trabalhos marginais, uma vez que em geral também não possuía documentos, moradia ou conhecimentos

¹³ Ibid., p. 111

¹⁴ Id., p. 130.

suficientes para um emprego formal. Contudo, mesmo quando conseguiam um trabalho assalariado, muitas vezes escolhiam permanecer autônomos, por pautarem sua escolha em valores tradicionais, onde a flexibilidade de horários é valorizada por dar maior liberdade. Porém, gradativamente o trabalho fixo assalariado passou a ser mais valorizado por trazer uma estabilidade necessária em um meio em que a sobrevivência depende do ganho de dinheiro.

Outra busca do imigrante, além de dinheiro suficiente para melhorar de vida e ter acesso aos bens de consumo dos quais tem necessidade, era a casa própria, que garantia ao menos a habitação, mesmo em períodos de desemprego. Em geral, esta expectativa só poderia ser realizada nas periferias, nas favelas e invasões ilegais de terrenos.

Neste novo ambiente, migrantes de diferentes partes do país chegaram aos grandes centros urbanos e passaram a habitar as periferias. Adaptaram-se e criaram uma forma de vida própria, onde as relações pessoais eram fundamentais como traço de permanência da vida cabocla rural. “É a inadequação do seu equipamento cultural para utilizar instituições impessoais que torna o imigrante rural tão completamente dependente dos contatos pessoais; que são os intermediários naturais entre a pessoa e a sociedade mais ampla.”¹⁵ Essas relações partem inicialmente das relações primárias, que são os membros da família conjugal, em primeira instância, estendendo-se para a rede de parentesco e vizinhança, como era no ambiente rural. Isso parece contraditório em meio ao individualismo presente no meio urbano, mas trata-se de uma necessidade econômica de sobrevivência. Mesmo com a ampliação dos relacionamentos com outros grupos na cidade, a família permanece sendo de fundamental importância, não havendo, portanto substituição e sim sobreposição dos grupos de relacionamentos. É certo que com os trabalhos sendo individuais, na cidade, ocorre uma transformação no seio familiar. Contudo, a família “permanece como o grupo responsável pelo bem-estar e a segurança econômica dos seus membros e é, por assim dizer, o ponto de referência e o núcleo de reelaboração dos padrões de comportamento e das representações coletivas.”¹⁶ Se no campo o “patrão” é o intermediário entre o indivíduo

¹⁵ Id., p. 185.

¹⁶ Id., p. 208.

e a sociedade mais ampla,¹⁷ na cidade a família tende a ocupar este papel. Daí vem o fato de que a trajetória do indivíduo na cidade geralmente fica restrita a um campo onde exista relação com a experiência dos familiares.

¹⁷ O patrão tornou-se um elo de ligação com essa nova realidade, “o ‘patrão’ se apresenta como um personagem cuja autoridade deriva de sua possibilidade de conhecer, interpretar e manipular o mundo exterior.” Ver DURHAN, op. cit., p. 90.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

O surgimento e crescimento do Jardim Icaray está intimamente ligado ao processo de urbanização do Paraná, onde a industrialização levou à expulsão do homem do campo que passou a habitar as periferias das grandes cidades, como Curitiba. Uma vez inseridos no contexto urbano, os pobres criam seu próprio modo de vida, que deriva das dificuldades econômicas que os atinge. Estas levam à solidariedade entre parentes e vizinhos, seguindo a cultura vivida anteriormente no meio rural, onde a família era fundamental por ser unidade produtiva, consumidora e principal grupo social.

Habitando nas cidades, esses pobres têm muitas dificuldades para encontrar emprego e adquirir estabilidade econômica. Permanecem então buscando melhores condições de vida. Assim, a migração de um centro urbano para outro ou dentro de uma mesma cidade permanece como alternativa nesta busca. É o que se pode perceber com a trajetória de vida de alguns dos entrevistados.

O início da ocupação da Vila Icaray se deu na primeira metade da década de 1990. O terreno era repleto de mato e animais. Marlene Dias habita o Jardim Icaray desde o princípio da invasão e descreve o lugar: “Não tinha nada, era matão, tinha vaca, porco, um monte de bicho. Tinha mato de espinho, árvore.” Era um local considerado impróprio para habitação por se tratar de área de manancial. Teófilo Tavares foi também um dos primeiros habitantes da região. Relata que juntamente com um grupo de pessoas, dentre eles seu pai, invadiu o lugar com a intenção de torná-lo local de habitação.

Marlene conta ainda que no início não havia comercialização dos terrenos, as pessoas montavam seus barracos, puxavam fios de luz e canos de água clandestinamente e passavam a viver ali. A Polícia Militar vinha, então, na tentativa de expulsar os invasores, destruindo barracos, cortando os fios de luz e as ligações de água. Ocorriam também confrontos violentos com os habitantes do local. Mas assim que a PM deixava o lugar, os moradores voltavam a montar suas casas e a puxar a luz elétrica e água. Teófilo resume: “Uma viga de madeira nas costas, eles (PM) para um lado, a gente para o outro, e aos poucos foram surgindo essas casas aqui.”

Marlene passou a viver na Vila Icaray para se desvencilhar do aluguel que pagava num conjunto próximo. Quando se mudou para Curitiba, vinda de Mafra, tinha a expectativa de receber uma casa mobiliada da prefeitura, o que não aconteceu.

A gente morava melhor lá, numa casa grande, segura, que era da prefeitura. Mas daí ela (sua sogra) fez a cabeça do filho dela pra nós virmos pra cá, que aqui nós teríamos uma casa toda mobiliada. Ela disse que não era pra nós trazermos nada de lá, que a gente não ia precisar pagar aluguel, nada. Quando nós chegamos, tínhamos que pagar aluguel, 120 reais, mais luz, água e gás. Nós ficamos lá um tempo, até que veio esta invasão e nós mudamos de lá pra cá.

Rosângela Moreira chegou na invasão com seu companheiro e 2 filhos há cerca de 6 anos, vinda do bairro do Guabirota, depois de morar em Almirante Tamandaré. Sem dinheiro para pagar aluguel, mudaram-se para o local sem nem terminar a casa onde vivem atualmente.

Nós viemos e a casa não tinha porta, não tinha janela, não tinha forro, não tinha nada. Deu uma pressa no Cláudio antes de vencer o mês do aluguel pra gente mudar logo, pra não ter que pagar o aluguel. Ele disse: “Nós vamos pra lá que pelo menos não precisa pagar aluguel, nem água nem luz, e eu vou fazendo aos pouquinhos. E foi bem no comecinho, não conhecia ninguém, uma violência. Aqui não tinha muro, não tinha nada. Todo mundo passava no quintal de todo mundo, não tinha portão, nada. Aí ele ficou uma semana internado, e eu com as crianças todas pequenas, morria de medo. Não tinha porta, não tinha luz...não tinha puxado a luz...não tinha nada. Eu ficava com toquinho de vela.

Outros moradores também chegaram na invasão vindos de outras regiões periféricas de Curitiba. Alicia e Nivaldo passaram a habitar na Vila vindos da favela do Parolim, pois achavam esta muito violenta. Além disso, na Vila Icaray puderam deixar de morar de favor ou pagando aluguel, uma vez que encontraram uma oportunidade de comprar um terreno no local por um preço baixo. “Agora aqui, nós podemos dizer que é nosso.”

Teófilo considera a Vila Icaray justamente como um local que possibilita às pessoas parar de pagar aluguel ou prestações altas. Daí, inclusive, a legitimidade da invasão: “devido à falta de oportunidade muito grande que há na nossa cidade, a gente acaba se obrigando a ocupar uma área. Às vezes, não há possibilidade de você ter uma casa. Às

vezes, você num financiamento acaba deixando até o alimento de lado, passa aperto com a família pra viver. Já, aqui, não. É o que traz as pessoas pra viverem nessas áreas.”

A situação atual da invasão permanece precária. Localizada logo após a linha do trem, as ruas são de terra, a luz e a água clandestinas, as casas na sua maioria são de madeira, com poucos cômodos. O local não conta com coleta de lixo, o que deixa o local sempre sujo e mal cheiroso. No entanto, quase não há mais mato, quase todos os terrenos estão habitados, as casas se aglomeram e a população do local só aumenta. Trata-se, portanto, de uma área que ainda é bastante pobre com uma população de baixa renda. Algumas benfeitorias já foram realizadas, como fiação elétrica adequada na região do trilho do trem, conseguida em parceria com a América Latina Logística (ALL), a colocação de saibro em algumas ruas, e da manilha, que impede o alagamento do local, feitas pela prefeitura.

Outros entrevistados chegaram no Jardim Icaray vindos de outras cidades. Perci, Edson e Valdete moravam na cidade de Foz do Iguaçu e passaram a viver em Curitiba com a expectativa de melhorar de vida. Edson e Valdete acreditavam que na capital poderiam encontrar emprego mais facilmente, e mesmo estando desempregados atualmente, permanecem considerando isto verdade: “aqui é melhor pra gente viver, é bem mais fácil pra conseguir trabalho. Lá (Foz do Iguaçu) é muito difícil.” O que os sustenta hoje é a coleta de papel nas ruas. No Jardim Icaray, muitos moradores trabalham nesta função. O local conta com alguns locais de compra e venda de materiais recicláveis para onde dirigem-se os catadores de papel no fim do dia a fim de vender o que encontraram. Esses locais funcionam nas casas de seus donos, e têm uma montanha de lixo característica. Ali é separado o que pode ser vendido e o que não tem valor comercial, já que nem todo o material recolhido é reciclável. Isso gera um acúmulo do que não é aproveitado, deixando o local sujo, mal cheiroso e com muitos insetos.

Uma situação bastante distinta é a de Perci. Anteriormente já envolvido com negócios, viu na Vila Icaray a possibilidade de montar seu comércio: “Eu vim, olhei a Vila primeiro, vi que era bom pra trabalhar com mercearia. Vi que só tinha um ou dois comércios bem pequenos. Eu vim, negocieei o terreno já com intenção de montar comércio.” Ele conseguiu melhorar sua condição financeira, depois de sua chegada, explorando o

mercado e negociando terrenos. Perci tem muito mais recursos do que a maior parte da população local.

A invasão conta com algumas pequenas vendas como a de Perci, sendo esta, mais próxima da linha do trem, melhor localizada e a mais estruturada da Vila. Como tem melhores condições financeiras que a maior parte dos habitantes do local, ele teve a possibilidade de negociar terrenos. Essa comercialização dos terrenos passou a ocorrer quando a invasão já estava mais avançada, com maior número de casas e condições um pouco melhores. Essa exploração comercial do lugar é feita pelos próprios habitantes, de uma forma irregular, uma vez que ninguém tem a posse legal do terreno, não podendo vendê-lo ou trocá-lo. Aliás, a troca de terrenos por eletrodomésticos, carros ou outros bens de consumo é bem comum, já que é mais difícil alguém ter o dinheiro em espécie para a compra.

As migrações, de diferentes regiões dentro da mesma cidade, ou de uma cidade à outra, seguem, em geral, experiências vividas pelo grupo familiar. Eunice Durhan aponta para esta realidade, onde a trajetória do migrante está sempre ligada ao que foi vivido por algum membro da família. Estes contatos pré-existentes, estas relações pessoais no local de destino são fundamentais, uma vez que constituem “o tipo de apoio incondicional que a insegurança da situação de mudança torna tão necessária.”¹

Isso é perceptível na maior parte dos casos, uma vez que os entrevistados, embora desejassem melhorar de vida indo para a invasão, só mudaram efetivamente por ter algum parente morando no local ou tendo indicação do mesmo. Perci tinha um irmão morador do local: “Eu tinha um irmão que morava aqui, ele ainda mora aqui na Vila. Ele morava aqui em Curitiba, daí ele soube da invasão, foi um dos primeiros, daí ele me falou”. Edson e Valdete mudaram-se por influência da tia dela: “Eu vim porque eu tenho uma tia aqui que foi nos visitar e me convidou pra vir pra cá e eu vim. Ela falou que aqui era bom de trabalhar. Ela já morava aqui na Vila. E eu me empolguei”. Marlene chegou à Curitiba com o companheiro e filhos por influência da sogra. Alicia e Nivaldo também resolveram viver na Vila Icaray depois que a mãe dele comprou terreno no local. Alicia conta: “Minha sogra

¹ DURHAN, op. cit., p. 186.

veio pra cá e contou pra gente. Demos mais um tempo, um ano e pouco e quando viu que era organizado mesmo, a gente comprou.”

O caso de Denivalda, que se mudou para Curitiba vinda da Bahia, demonstra como a presença de um parente determina a migração para o local:

Olha, pra falar bem a verdade eu não estou aqui por livre e espontânea vontade. É porque a minha mãe veio primeiro, aí a gente ficou lá, todo mundo ficou lá. Veio só ela, o marido e a minha irmã, que é a Marise. Daí eles ficaram morando aqui. Só que daí, com o tempo, quando ela veio morar nessa invasão aqui, aconteceu um acidente com o marido dela e ele morreu. Daí ela ficou muito sozinha e longe... Ela gostava muito dele, ela ficou sofrendo muito. Aí a gente resolveu vir pra fazer companhia pra ela.

Esse sentimento de obrigação de cuidar da mãe que se encontrava sozinha levou Denivalda a deixar sua casa na Bahia e mudar-se para Curitiba, grávida e com dois filhos pequenos. Esse exemplo demonstra a importância que a família exerce na vida dos pobres. Cynthia Andersen Sarti, em *A Família como espelho*, desenvolve um estudo acerca das concepções de família e trabalho no universo moral dos pobres. Ela afirma que “a noção de ‘família’ para os pobres se constitui através de um sistema de obrigações morais”.² Tanto é que Denivalda não apenas mudou-se para Curitiba a fim de cuidar da mãe, mas permanece ali, mesmo não gostando do lugar.

Quando Denivalda chegou na invasão, ficou assustada com o local onde a mãe morava, local desorganizado, cheio de mato, sem divisão de terrenos e qualquer infraestrutura: “quando eu cheguei aqui era horrível. Só mato”. Ela relata que a casa onde vivia na Bahia era própria, num local bem estruturado, com rua asfaltada, luz e água, num bairro industrial. “Eu digo que perto daqui o lugar onde eu morava na Bahia era um condomínio fechado. E depois você vir pra um lugar que tem que puxar esses gatos, água não sabe quando vai ter. É terrível”. Ainda assim, ela permanece no local, pois ali estão seus irmãos e mãe.

Nota-se, portanto, a importância da família no universo dos pobres, e, nesse sentido, Sarti destaca que a família é fundamental para a própria auto-definição dos pobres no universo social mais amplo. É ela que delinea a identidade criada entre os moradores da

² SARTI, op. cit., p. 59.

periferia.³ Ou seja, a família não é apenas um suporte financeiro e emocional, ela identifica o lugar do indivíduo no mundo social. E não apenas isso, ela é o elo de ligação entre o indivíduo e a sociedade mais ampla, como destacam Sarti e Durhan.

É interessante notar nos relatos de alguns dos entrevistados que além de terem tido contato com algum parente morador do Jardim Icaray para então mudarem-se, também influenciaram a ida posterior de outros membros do grupo familiar. Teófilo é um exemplo. Como um dos primeiros moradores da invasão, não houve contato pré-existente com familiares no local. No entanto, sua empreitada em invadir a área foi feita com a companhia do pai. Mais tarde, a maior parte de seus parentes mudaram-se para a Vila. Lá, ele conheceu sua companheira, que habitava no local com a família, e com ela tem uma filha. Perci, depois que se mudou para o local, trouxe também sua mãe para morar ali: “A mãe mora aí também. No começo era só ele (o irmão), mas depois a gente trouxe a mãe também.” No caso de Nivaldo, suas 3 irmãs passaram a ser também moradoras da Vila.

Há também a importância econômica do grupo familiar para o pobre. Esta dependência que existe entre os membros, devido à falta de recursos financeiros, determina esse papel fundamental que a família tem na vida do pobre. “Os papéis familiares complementam-se para realizar aquilo que importa para os pobres, repartir o pouco que têm.”⁴ A cada um cabe uma parte no sustento da casa. E a solidariedade entre os núcleos familiares garante maior segurança e certa estabilidade. Isso também pode ser considerado uma permanência do modo de vida caboclo, uma vez que no campo é necessária a mão-de-obra de todos os membros da família para a garantir o sustento.

Dentro desta lógica, a migração é sempre colocada como uma alternativa para o problema econômico da família. Não se trata de um projeto individual.⁵ E mesmo vivendo na cidade, com todas as adequações que os grupos migrantes sofrem, “a família permanece como grupo responsável pelo bem-estar e a segurança econômica dos seus membros.”⁶

Alba Zaluar, em *A máquina e a revolta*, relaciona o caráter positivo do trabalho para os pobres enquanto gerador de renda para a família. “O trabalhador respeitável é membro

³ Ibid., p. 29

⁴ Id., p. 74.

⁵ DURHAN, op. cit., p. 210.

⁶ Ibid.p.208.

de uma família para cuja sobrevivência concorre aumentando a renda familiar.”⁷ Deste fator econômico, desta necessidade e dependência do outro deriva também o fato de se morar perto do parente. Isso garante não apenas uma identidade social, como explicitado anteriormente, mas também maior possibilidade de sobrevivência.

Em geral, os entrevistados receberam ajuda de parentes para se estabelecerem no local. Alguns permanecem morando na mesma casa, como Denivalda, que mora com a mãe e o irmão. Marlene recebeu o material para a construção de sua casa do irmão. Edson e Valdete contaram com a ajuda da mãe dele. Valdete confirma: “Ela sempre me deu uma força pra arrumar uma água, uma luz, disso eu não posso me queixar. Ela me ajudou bastante.”

Nota-se também, em geral, a presença de algum amigo, compadre ou “padrinho” que foi fundamental para a obtenção de um emprego, de alimentos, de material de construção. Alicia afirma que passou muitas dificuldades até ter esta ajuda: “Eu passei muita fome aqui, pegava coisa do lixo. Até que eu tive um padrinho, um senhor de idade, que inclusive eu agradeço muito ele, que me conseguiu o primeiro trabalho, como diarista”. Denivalda e sua família tiveram muita ajuda de uma amiga, que se tornou comadre dela mais tarde:

A minha comadre, que trabalhava junto com a minha mãe, ela já tinha mais condições e ela ajudava a gente. Ela conseguia uns trabalhos que dava pra gente, convidava a gente pra ir na casa dela no fim-de-semana pra fazer alguma coisa. Dava um dinheiro. Ela mora em São José. Ela foi muito legal com a gente. Se não fosse ela, só por Deus, não sei o que seria da gente.

Rosângela e o companheiro ganharam a madeira para a casa onde vivem de um padre da igreja em que Cláudio trabalhava.

Essa solidariedade se estende para as relações de vizinhança. Nivaldo relata que se juntou a um grupo de pessoas para melhorar o lugar: “Aqui era banhado e agora graças a Deus não alaga mais. Lá na frente a manilha entupia de lixo, e aí a água começou a esparramar pra cá. Daí o pessoal se juntou... Eu ajudei também, cada um com uma enxada,

⁷ ZALUAR, A. **A Máquina e a Revolta**. As organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 89.

uma foice.. Todo mundo se ajudando...Agora a última vez aqui veio uma maquininha. Agora esperamos que na terceira vez venha uma manilha, fica bem melhor”. Além disso, participou na compra e instalação de fios de luz para melhorar a energia elétrica da sua rua. Rosângela relata que recebeu muita ajuda enquanto Cláudio esteve doente, em função de uma picada de aranha marrom: “Logo que ele saiu do hospital, nós não tínhamos o que comer, porque eu não trabalhava, não podia sair, não conhecia ninguém aqui. E nessa hora que Deus agiu, colocou muitas pessoas no nosso caminho. Meu armário nunca foi tão cheio nem a minha geladeira como foi na época que ele estava doente. Nesta hora nós vimos que realmente tínhamos amigos. Um trazia cesta básica, outro um frango, outro um macarrão.”

A preocupação com os outros acontece porque se acredita que é essa solidariedade que cria condições de melhorar o lugar onde vivem e torná-lo adequado para suas famílias. Perci afirma: “Hoje em dia você tem que saber conviver com as pessoas, quem faz o lugar é a gente.” Teófilo acredita nessa união dos moradores, na ajuda mútua como forma de conseguirem as melhorias que o Jardim Icaray precisa. Como morador fundador do local conta que a ocupação aconteceu baseado nesse espírito de companheirismo: “a gente está sempre trocando benefícios um com o outro porque é assim que cresce a vila. Não só com os parentes, mas com os vizinhos. Eu sou muito grato aos vizinhos daqui.”

A maior parte das melhorias no local foram feitas e ainda ocorrem pelo esforço dos próprios moradores, que reúnem alguns recursos financeiros e compram fios de luz e canos de água adequados, constroem pequenas pontes sobre os córregos, entre outras obras. O desejo de Teófilo é conseguir parcerias que possibilitem trabalhos artísticos no local, voltados principalmente para os jovens. Além da regulamentação dos terrenos e benefícios dos serviços públicos, como coleta de lixo, água, luz, ônibus e ruas asfaltadas.

Outro ponto bastante citado nas entrevistas é a questão da violência no local. Tratando-se de um local de ocupação irregular, não há controle na entrada de pessoas. Essas regiões crescem muito rapidamente e desordenadamente, dificultando a ação controladora do Estado, através do policiamento. Isso traz indivíduos envolvidos com atividades ilícitas para realizá-las ali, onde a fiscalização é menor. Nivaldo diz:

“Em lugares assim tem muita gente misturada. Tem gente de um jeito, gente de do outro. Uns tão procurando o melhor pra vida, outros que nem querem saber... Uns querem fazer o melhor, procuram

fazer as coisas assim, trabalhando, tendo um cantinho pra viver sossegado. Outros já querem saber só de fazer arte, danos, drogas e tudo mais, né?

Assim, a família apresenta-se também como importante ferramenta na tentativa de amenizar os efeitos desta violência ou da ação transgressora dos grupos envolvidos em atividades ilegais, como tráfico de drogas e armas. Apesar de os entrevistados concordarem que a segurança no local aumentou, sentem-se com muito medo ainda de serem vítimas da violência. Principalmente aqueles que têm filhos, procuram preservá-los nunca deixando-os sozinhos ou muito livres nas ruas, a fim de não se envolverem com esses grupos marginais. Nivaldo e Alicia contam com a ajuda do irmão dela para cuidar dos filhos enquanto eles trabalham, no turno da noite: “Ele vem pra ficar com eles. À noite, sozinhos... a gente fica com medo. Não dá pra deixar sozinho... A gente fica com medo, aqui já morreu tanta gente. Aqui tem tanta gente boa, mas também tem ruim”. Rosângela conta que procura sempre vigiar seus filhos, especialmente o mais velho, que é adolescente. Ela pretende inclusive vender a casa e mudar-se para o norte do estado por preocupação de que ele venha a envolver-se com este tipo de atividade.

Muito embora a família apresente-se como o esteio da própria organização social do Jardim Icaray, conflitos familiares são bastante comuns, dada a proximidade em que as pessoas vivem, sem estabelecerem limites entre os diferentes núcleos familiares. Marlene vive essa situação com a sogra, que, segundo ela, só atrapalha sua vida por se meter demais.⁸ Quando se mudaram para a Vila Icaray, Edson e Valdete moraram nos fundos da casa da tia dela, onde tiveram muitos problemas de relacionamento. Hoje moram em uma casa comprada depois de alguns meses de trabalho.

Com a pesquisa, foi possível perceber que a família é de fundamental importância na vida dos pobres; ela “não é apenas o elo afetivo mais forte dos pobres, o núcleo de sua sobrevivência material e espiritual, o instrumento através do qual viabilizam seu modo de vida, mas é o próprio substrato de sua identidade social”.⁹ Com o levantamento das trajetórias de vida dos entrevistados, isso se confirmou. Os relatos mostraram a presença constante da família como estrutura primordial no modo de vida, nas escolhas e decisões

⁸ Apesar dessa situação conflituosa, conheci Marlene por intermédio da sogra, que me pediu para conversar com ela, para ver a situação da família e tentar ajudar seu filho, marido de Marlene, que é envolvido com drogas e bebida.

⁹ SARTI, op. cit., p. 57-58.

tomadas ao longo de suas vidas. Mostrou também que a ocupação do Jardim Icaray, desde seu princípio, foi regida por essa rede de obrigações e dependência que os membros dos grupos familiares têm entre si, influenciando o movimento migratório para a região. Mesmo no caso daqueles como Rosângela, que não tem parentes habitando o local especificamente, ou como Edson e Valdete, que só têm a tia dela na região, percebe-se esta importância da presença dos membros do grupo familiar na escolha do local de moradia, na medida em que os entrevistados citados pretendem vender suas casas e mudarem-se para onde estão seus familiares.

CONCLUSÃO

Analisando os depoimentos levantados a partir de entrevistas com moradores do Jardim Icaray, verificaram-se alguns aspectos em relação à família, sua importância para os habitantes desta área de ocupação irregular, e seu papel no processo de apropriação a mesma.

De maneira geral, a família exerce grande influência e importância na vida dos pobres. Esse valor do grupo familiar é apresentado como permanência da cultura cabocla vivida pelos moradores do campo. Moradores estes que migraram para os centros urbanos expulsos pela mecanização decorrente do avanço capitalista que ocorreu em meados do século XX no Brasil. A migração para estes grupos apresentou-se como alternativa para melhorar a vida da família, não como projeto individual, seguindo ainda uma trajetória determinada por experiências anteriores do grupo familiar de origem.

Em geral, esses antigos trabalhadores do campo e pequenos proprietários, ao chegarem nas cidades, passaram a residir nas periferias, criando ali uma identidade própria em torno do local de moradia. Nessa nova identidade e novo contexto de vida, a família permaneceu com muita importância, por se tratar ainda da principal unidade produtiva, consumidora e fonte de relações sociais de “confiança”. Os papéis familiares se readequaram ao modo de vida urbano, mas cada um permaneceu cumprindo sua parte numa rede de obrigações mútuas que têm como principal objetivo repartir o pouco que têm.

A família, portanto, garante maior estabilidade financeira e emocional. Dada sua importância, ela conduz a auto-definição dos pobres, identifica seu lugar no mundo social, ligando-o a sociedade mais ampla.

O que se constatou, com o levantamento das trajetórias de vida dos entrevistados do Jardim Icaray, foi que a maior parte mudou-se para a Vila por ter algum parente já residindo ali. Mesmo no caso de um dos primeiros invasores, a mudança ocorreu em conjunto com algum membro familiar. Logo, apesar da ida para um território irregular apresentar-se como saída para o aluguel e contas de água e luz, a presença de algum parente foi determinante para a escolha do lugar. Além disso, após a ida dos entrevistados, outros familiares foram habitar a região também.

Verificou-se ainda que em geral os entrevistados receberam ajuda do grupo familiar no processo de mudança e instalação na região, mesmo em casos de desentendimentos essa ajuda ocorreu. Essa ajuda consiste em ceder um local para moradia provisória ou definitiva, ajuda material, suporte emocional em diversas situações e respaldo na tentativa de amenizar os efeitos da violência do local. Percebeu-se também que essa solidariedade mútua se estende aos vizinhos, que em conjunto fazem melhorias no local ou mostram-se presentes em momentos de dificuldade.

Assim, os depoimentos confirmaram o valor da família para os moradores do local, na medida em que influenciou a direção do movimento migratório para o Jardim Icaray.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOS, A. F. A. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

DURHAN, E. **A Caminho da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FERREIRA, M. M. **História Oral: um inventário das diferenças**. In: Entre-vistas; abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1984.

MENEZES, C. L. **Desenvolvimento urbano e meio ambiente: A experiência de Curitiba**. Campinas: Papirus, 1996.

NABÃO, M. T. P. **Algumas questões acerca da utilização de fontes orais no âmbito da pesquisa histórica**. In: Pós-história. Assisv.8 – p. 121-143, 2000.p.

OLIVEIRA, D. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba: Ed. UFPR, 2000.

OLIVEIRA, D. **Urbanização e Industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

SANTOS, A. C. A. **Eu conheci Curitiba com bastante facilidade**. In: SANTOS, A. Memórias e cidade: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990). Curitiba, 1993. Dissertação (Mestrado em História). UFPR.

SARTI, C. **A Família como Espelho**. Um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo. Tese de doutoramento, São Paulo, 1994.

SOUZA, M. A. **Governo Urbano**. São Paulo: Editora Nobel, 1988

ZALUAR, S. **A Máquina e a Revolta**. As organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, J. J.; TENGARRINHA, J. M. **Historiografia Luso-brasileira Contemporânea**. Bauru: Edusc, 1999.

CARDOSO, C. História e Paradigmas Rivais. In: CARDOSO, C.; VAINFAS, R. Orgs). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SANTOS, A. C. A. **Curitiba: uma aproximação ao método da história oral**. (Texto apresentado ao Seminário de História Urbana, no Curso de mestrado em História, UFPR). Curitiba, 1994.

SPOSITO, M. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 1988

VOLDMAN, D. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, M.; AMARO, J. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p. 247.

ANEXOS ENTREVISTAS

Primeira Entrevista:

Rosângela Moreira, 29 anos

Onde você morava antes da invasão?

Em Jacarezinho, no norte do Paraná. Eu nasci aqui em Curitiba. A minha família é assim: a minha mãe tem 6 filhos, são 3 nascidos lá e 3 nascidos aqui. Eu nasci aqui e depois a gente foi pra lá. Eu voltei pra Curitiba quando eu tinha 9 anos e nunca mais voltei pra Jacarezinho. Chegamos aqui em 84, mas a mãe não deu certo aqui e ela voltou. Mas a mãe morou aqui até eu casar, até eu me amigar com o Cláudio. Vão fazer 12 anos que eu moro com o Cláudio.

Como vocês se conheceram?

Bom, eu quando eu conheci o Cláudio já tinha o Leandro. A minha família rígida lá do norte... Quando souberam que eu estava grávida me mandaram embora. Aí eu saí e fui morar na casa de uns conhecidos meus, que eram amigos desde que chegamos do norte, tenho amizade até hoje com eles. Daí eles me deram uma força. Então, uma mulher me disse: “Não me importo que você está grávida. Se você quiser trabalhar comigo eu te dou tudo. Porque eu saí de casa só com a roupa do corpo. Ela deu roupa pra mim, pro Leandro. Eu tive o Leandro lá na casa dela. Mas o marido dela logo em seguida teve cirrose, ficou doente. E o Leandro era muito doente, não morreu foi por Deus. Ele tinha bronquite asmática, foi parar 2 vezes no balão de oxigênio. Tinha muita infecção de ouvido. Quando ele tinha 6 meses eu conheci o Cláudio. Foi por acaso também. Eu estava procurando casa pra alugar e a prima dele falou: “Olha, eu tenho um primo, que veio do norte faz pouco tempo, e está precisando de alguém pra dividir o aluguel. Se você quiser, ele é uma pessoa decente, não bebe, não é bagunceiro. Ele não se importa que seja com alguém que tenha criança, porque ele é sozinho. Eu fui então pra lá com o Leandro, na Vila São Paulo. Pagávamos aluguel, moramos 8 meses sendo só amigos. Depois de 2 anos nós mudamos de casa. Aí já estávamos juntos. Ele era sozinho, separado, gostava do menino. Ele cuida igual do Leandro. Aí nós mudamos 2 quadras pra cima da nossa. E lá eu engravidei do William. Eu trabalhava nesta época. Eu sempre trabalhei como doméstica ou diarista, mas quando eu engravidei do William eu trabalhava num escritório. Daí eu ganhei ele, e como não podia deixar ele na creche porque ele era muito magrinho, muito doentinho. Ele nasceu de baixo peso, daí eu saí do serviço. Mas eu não esperava que dali 8 meses eu ficaria grávida da Ana. Daí eu saí do serviço e fiquei grávida da Ana. Nós compramos uma casa na invasão de Almirante Tamandaré, ficamos 1 ano lá. Veio a Ana. Mas eu falei pro Cláudio: Eu não vou ficar aqui não. Não tinha condições. Era muito ruim, por causa de ônibus. Tinha que pegar dois ônibus pra vir pra Curitiba. Naquela época o Cláudio, coitado, vinha de bicicleta porque não tinha dinheiro pra pegar ônibus.

O Cláudio trabalha com o que? Ele está trabalhando?

Ele é pedreiro. Está fazendo bico. Hoje mesmo ele foi puxar um monte de terra. Porque ele é assim, o que aparecer ele faz.

Aí aconteceu de a gente pagar aluguel de volta lá no Guabirota. Nós fomos pagar aluguel. Aí um amigo do Cláudio disse: “Olha, eu tenho um terreno na invasão e eu tenho um outro terreno. Se você fizer o alicerce da minha casa eu te dou o terreno da invasão. Aí o Cláudio falou: “Como eu vou trabalhar pra você 20 dias, a Rosângela está parada, com filhos pequenos. (Porque eu me virava de diarista.) As crianças estão todas pequenas, não tem como ela sustentar a casa por 20 dias pra eu fazer o alicerce pra você”. Ai ele disse: “Eu te dou um vídeo. Você vende e vai lá fazer o alicerce pra mim”. Daí foi assim que a gente veio pra cá. Isso já faz 6 anos. Aqui não tinha nada, era um capão. Era umas barraquinhas de lona. Eu não queria vir, eu falava: “Eu já morei numa invasão, não quero morar de novo”. Mas o Cláudio falava: “Vamos construir uma casa lá e depois a gente vende. Não vamos morar lá”. Mas nós não tínhamos condições de pagar aluguel, e ganhamos estas madeiras do padre. Da igreja onde ele trabalhava. O padre falou: “Eu dou a madeira pra vocês. Coloque um barracão no terreno e vão morar lá”.

Quando nós viemos morar aqui não tinha nem como passar pra cá. Ali na linha(de trem) tinha que deixar a mudança pra lá. Daí vir trazendo na mão. A Ana era bem pequenininha, recém tinha começado a andar quando eu vim pra cá. E estamos até hoje.

No começo eu sofri tanto....Tem uma história esta minha casa. Quando eu mudei pra cá uma aranha marrom mordeu a perna do Cláudio. Nós viemos e a casa não tinha porta, não tinha janela, não tinha forro, não tinha nada. Deu uma pressa no Cláudio antes de vencer o mês do aluguel pra gente mudar logo, pra não ter que pagar o aluguel. Ele disse: “Nós vamos pra lá -e ele já tava ruim, fazia 3 dias que ele tava ruim- nós vamos pra lá que pelo menos não precisa pagar aluguel, nem água nem luz e eu vou fazendo aos pouquinhos”. Mas ele já tinha sido picado pela aranha marrom. Eu achava que era cabecinha de prego e peguei e enfiei uma agulha. Ele quase perdeu a perna. Ficou quase uma semana no hospital. E foi bem no comecinho, não conhecia ninguém, uma violência. Aqui não tinha muro, não tinha nada. Todo mundo passava no quintal de todo mundo, não tinha portão, nada. Aí ele ficou uma semana internado, e eu com as crianças todas pequenas, morria de medo. Não tinha porta, não tinha luz...não tinha puxado a luz...não tinha nada. Eu ficava com toquinho de vela. O Leandro que passou comigo tudo que eu passei de ruim, coitadinho. Daí eu dizia assim: “Meu filho, se seu pai morrer ou tirarem a perna dele, o que nós vamos fazer?” Os médicos ficaram tentando recuperar a perna, porque já estava dando trombose, e eu com medo de arrancarem a perna dele. Mas graçaa a Deus não precisou.

Hoje ele está bem?

Logo que ele saiu do hospital, nós não tínhamos o que comer, porque eu não trabalhava, não podia sair, não conhecia ninguém aqui. E nessa hora que Deus agiu, colocou muitas pessoas no nosso caminho. Meu armário nunca foi tão cheio nem a minha geladeira como foi na época que ele estava doente. Nesta hora nós vimos que realmente tínhamos amigos. Um trazia cesta básica, outro um frango, outro um macarrão. O meu cunhado vinha trazer caixa de leite, duas vezes foi assaltado na linha. Não foi fácil.

Você tem família que mora aqui na invasão?

Não

Mas em Curitiba?

O Cláudio tem, eu não. Eu tenho contato, minha cunhada mora no Guabirota. Ela mora de aluguel. Elas vieram do norte por cá.

Você não queria morar em invasão. Por que?

Eu não queria morar em invasão porque eu já morei lá (Almirante Tamandaré). A gente morava nos fundos e na frente morava um cara que usava droga. Ele não mexia com a gente, mas quando ele resolvia bater na mulher dele...Então eu fiquei com medo de vir morar na invasão e encontrar outra pessoa como ele.

Aqui vocês não tiveram problemas assim?

Bastante. Eu tive problema. Levei um soco no olho, quase perdi minha vista esquerda. De um homem. Ele era meu vizinho...Eles estavam brigando aqui na rua, e o Cláudio tinha ido viajar pra casa da mãe dele. Daí veio a minha vizinha da frente, que não mora mais aqui. E ela falou: “Olha Rosângela na janela que bagunça que tá aqui na frente”. Aí eu saí na janela olhar. E era marido e mulher brigando. A rua estava cheia de gente, e eu fiquei na janela. E a mulher falou: “O que você tá olhando?” E eu falei: “Mas não é pra olhar?” Fui retrucar. Aí ela falou: “Vem aqui se você for mulher.” Aí eu fui e me catei com ela no cacete. Ele veio e me sentou a mão no olho. Fiquei com o olho deste tamanho. Eu tava grávida de 2 meses, perdi o neném. Foi feio. Então, nestes anos que a gente está aqui, já passamos cada coisa. O Cláudio mesmo quando eu tava trabalhando...Ele me esperava, quando o ônibus era lá na frente, ele ia me esperar. Deixava as crianças trancadas aqui dentro e ia me esperar. Porque eu tinha medo de voltar sozinha. Essa rua recém tinha sido aberta, sem luz. Aí ele foi me buscar e 2 vezes um cara pediu um cigarro e ele deu. Daí ele pediu: “Dá um dinheiro aí”. Daí o Cláudio falou: “Dinheiro eu não tenho, vim buscar minha mulher que está trabalhando, daqui a pouco ela chega. Daí o homem falou: “Então me dá um cigarro, se você não me der, eu te dou um tiro na cabeça.” A sorte é que o Cláudio fuma. Ele deu um cigarro e o outro falou: “Olha, não quero mais te ver por aqui. Não tem esse negócio de ficar esperando mulher aqui.” Daí eu tive que sair do serviço.

Aqui tem ainda muita violência?

Tem

E para as crianças, como é aqui?

A minha preocupação agora é com o Leandro. Ele está ficando adolescente agora. Esses dias ele sumiu, porque quando eu posso, eu estou na cola, mas ele sumiu de mim. Daí eu falei pro William: “Cadê o Leandro?” E o Leandro falou pro William: “Se você contar pra mãe, te arrevento no cacete. Não é pra contar pra mãe onde eu estava.” Então alguma coisa de errado estava fazendo. Mas até agora não consegui descobrir. Mas eu falei pra ele: “Eu vou te seguir, e se eu descobrir meu filho, você pode ter certeza que vai apanhar.” Então não tem sossego.

Por isso vocês estão querendo vender a casa?

É por isso. Quero ir embora. Quero ir pro norte. Daí eu nunca mais quero voltar em Curitiba. Minha sogra faleceu fazem 3 anos e meu sogro está sozinho lá. Tem até uma filha que mora com ele. Mas ele disse pro Cláudio: “Com o dinheiro da morte –foi acidente de trânsito, eles compraram uma casa. Então ele falou: “Olha Cláudio, vocês venham pra cá, que serviço pra você eu arranjo. Ele quer arrumar serviço pro Cláudio de guarda na prefeitura. E eu posso pegar também de varrer rua, de passar roupa, sei lá, qualquer coisa.

Lá é mais seguro?

Toda vida, lá todo mundo se conhece.

Lá é bem pequeno?

Onde a mãe mora, em Jacarezinho é grande. Mas meu sogro mora em Guapirama, que é bem pequenininho. É mais por causa do Leandro. Porque eu contei pra ele que o Cláudio não é pai dele esse ano. Daí ele se revoltou de um jeito, não respeita mais o Cláudio, está virado. Eu acho que é por causa disso. Falei pra ele: “Eu não tive culpa, aconteceu”. Eu tive oportunidade de dar ele várias vezes. As pessoas queriam ele para adotar, para criar. E na época eu tinha 16 anos. Mas eu falei: “Não, o que passar, passa comigo.” Tá certo que ele passou dificuldades, mas graças a Deus, está aí. O que eu posso fazer por ele, eu faço.

Vocês vieram meio por acaso, por necessidade. Na época tinha escola?

Não tinha, só tinha um. Mas encheu muito de crianças, e não tinha vaga. O Leandro ficou na casa da minha sogra um ano estudando, e perdeu um ano, ficou doente. No outro ano eles iam fazer aqui esta outra escola. Mas as crianças iam estudar lá na Vila Hauer. Agora graças a Deus tem ali. É bem melhor. O ônibus já vem até aqui.

A própria invasão melhorou também?

É, sinceramente melhorou uns 40 por cento, porque tem muita coisa pra melhorar ainda. Antes enchia tudo aqui quando chovia, mas agora não. Eles colocaram a manilha lá na linha. Só alaga se lá em baixo estiver entupido, mas já melhorou. Tem poste de telefone.

Segunda Entrevista:

Nome: Alicia, 38 anos e Nivaldo, 38 anos.

Há quanto tempo vocês moram aqui?

A: 3 anos, já tinham muitas pessoas que moravam aqui.

Foram vocês que construíram essa casa?

A: Sim. Compramos o lote com uma casa velha, depois é que fomos aterrando... No começo a terra era bem mole, um banhado. Não tínhamos água e luz da forma que temos hoje. A Luz não vêm da Copel. No ano passado, compramos 400m de fio. Em 4 vizinhos, cada um deu um pouco. Agora temos uma luz melhor, antes a geladeira não “pegava”, a tv também não. Era muito difícil antes.

N: Nós estivemos morando no Parolin, no Lorena ali em baixo, mas sempre em lugares que não eram nossos. Agora aqui, nós podemos dizer que é nosso...

Vocês compraram...

A: Nós compramos, demos som, dinheiro...

N: Moramos na praia também, em Matinhos.

Vocês são casados há quanto tempo?...

N: Estamos juntos a uns 15 anos, mas casados estamos desde...

A: Ano passado.

Foi no Parolim que vocês se conheceram?...

A: Sim

E moraram lá quanto tempo?

A: Bastante tempo.

N: Nos criamos lá. Já moramos lá, depois saímos, fomos pra Caiobá, aliás, Matinhos, depois voltamos para o Parolim. Aí fomos parar na Lorena, nos fundos da casa de minha sogra. E aí surgiu essa oportunidade de comprar baratinho... e aproveitamos.

A: Agora a gente está tranqüilo.

N: Agora a gente torce para que dê tudo certo aqui na rua...

A: A gente prefere pagar uma água, uma luz e ter, né? Não ficar sempre faltando...

É , hoje mesmo na casa da Rosângela estava sem água, né? Tinha estourado um cano...

N: Veja bem, é ruim a gente não ficar num lugar definitivo. Perdemos muito tempo indo de um lugar para o outro... A gente não teve um lugar sossegado para ir arrumando. Agora hoje eu falo pra ela, temos uma casinha...

A: Os piás estão crescendo, né? O Bruno com 14, o mais velho com 16 anos...tão estudando. É uma garantia pra eles também, de futuro...

N: Eu trabalho a noite também, como vigia há 12 anos. Nós dois trabalhamos.

A:O nosso irmão vêm cuidar das crianças a noite.

Ele mora aqui também? Mora aqui pertinho?

A:Não, mora lá no Lorena. Só que agora ele vem pra ficar com eles. À noite, sozinhos.. a gente fica com medo.

Não dá pra deixar sozinho... A gente fica com medo, aqui já morreu tanta gente. Aqui tem tanta gente boa, mas também tem ruim...aí fica naquela, né?

Sempre tem, né? São aqueles que fazem a gente pagar por aquilo que eles fazem, né?

A: Isso, verdade.

N: Em lugares assim tem muita gente misturada. Tem gente de um jeito, gente de do outro. Uns tão procurando o melhor pra vida, outros que nem querem saber...

A: Verdade! Muito roubo também, então a gente tem medo de deixar as crianças sozinhas.

N: Uns querem fazer o melhor, Procuram fazer as coisas assim, trabalhando, tendo um cantinho pra viver sossegado. Outros já querem saber só de fazer arte, danos,drogas e tudo mais, né?

E vocês, têm quantos filhos??

A: três filhos

N: Dois piás e uma menina.

A: 3 filhos

N: Tiago é o maior, o Bruno e a Érica.

E quem veio primeiro pra cá? Quem mora aqui da família de vocês?

A: A minha sogra, a mãe dele. Ela veio primeiro, depois a filha dela, e depois nós viemos.

E como ela veio pra cá??

A: Ela soube, veio ver o lote, (o padrasto dele, o marido, já havia falecido) ela achou um baratinho e ficou aqui.

N: Não sei se vocês conhecem aquela favelinha do Parolim, na rua “Ferreira da Costa” parece, um lugarzinho...uma pontinha que desce pra Marechal, tem o posto Texaco...

A: Bem na beira do rio! A gente morou ali, o rio enchia e alagava a nossa casa.

N: Ali a gente passou dificuldade. Ali ninguém tem o terreno direitinho, é tudo bagunçado.

A: Aqui já é mais organizado.

N: A gente sofria ali, então o que nós fizemos: “Vamos sair desse lugar, as crianças estão crescendo, o que é que vão aprender...”

A: É, muita bandidagem...

N: A amizade que eles vão ter, gente cheirando cola, bebendo... A gente dá educação de um jeito e lá fora eles aprendem de outro. A gente não tem controle.

E aí vocês foram morar nos fundos...

A: É, da minha mãe. Nós fomos morar nos fundos da casa de minha mãe, aí ela faleceu e eu fiquei lá pouco tempo. Só que daí a gente acabou se desentendendo, né? Brigando muito...

Eu tinha minha casa nos fundos...deu um tempo e a gente não se deu bem. Aí minha sogra veio pra cá e contou pra gente.

Demos mais um tempo, um ano e pouco e quando viu que era organizado mesmo, a gente comprou. Aí vendemos a casa que tínhamos lá pra minha irmã e compramos essa e ele montou. Veio só essa peça. A gente se apurou bastante. Era sala, cozinha, quarto, tudo junto. A gente se bateu. Depois que fomos arrumando.

Fizemos a cozinha pequena, agora estou pensando em aumentar, comprar mais alguma coisa, um móvel melhor...

Nosso objetivo é sempre melhorar, a limpeza, higiene em primeiro lugar...

N: Graças a Deus a gente batalha, não temos vícios, as despesas são com a casa...

E quando vocês vieram pra cá a tua sogra ajudou vocês, ou vocês ajudaram ela?

A: Ela sempre me deu uma força pra arrumar uma água, uma luz, disso eu não posso me queixar. Ela me ajudou bastante.

N: Foi a minha mãe que chamou a gente...a gente ficou com medo no começo. Resolvemos pensar bem e quando vimos que tinha gente morando aqui há cinco anos, decidimos vir.

Quanto tempo faz?

A: Nós estamos há 3 anos aqui...

N: O lugar aqui já tem bem mais...uns 8, 10 anos. Devagarzinho está se ajeitando. Aqui era banhado e agora graças a Deus não alaga mais. Lá na frente a manilha entupia de lixo, e aí a água começou a esparramar pra cá. Daí o pessoal se juntou...

Isso que é legal, né? O Pessoal se junta e faz a coisa...

A: Tem a união do povo..

N: Eu ajudei também, cada um com uma enxada, uma foice.. Todo mundo se ajudando...Agora a última vez aqui veio uma maquininha. Agora esperamos que na terceira vez venha uma manilha, fica bem melhor.

E vocês têm envolvimento na Associação de Moradores?

A: Tem...

N: Só essa luz aqui... Cada um tem que se virar como pode. Nos juntamos, compramos 400 metros de fio, mas quando alguém toma banho lá no chuveiro, abaixa a luz aqui. Mas agora já melhorou bastante.

A tua irmã que mora aqui também?

N: Mora, eu tenho 3 irmãs que moram aqui.

Então todo mundo veio pra cá da tua família?

N: Quase todos...

E todo mundo foi assim, um falando pro outro, ajudando o outro?

N: isso...

Eles estão bem , conseguiram trabalho??

N: Todos estão bem, trabalhando...

Em qual Mercadorama você trabalha? Que horas volta pra casa?

A: No Mercadorama do Bigorriho. Pego às 22h chego em casa às 7h. Daí durmo o dia inteiro. Ele chega um pouco depois que eu, mas ele não dorme muito, fica mais com as crianças. Fazem três meses que trabalho á noite. É mais tranqüilo...

A: Eu gosto muito daqui...dessa tranqüilidade...eu gosto daqui!

Terceira Entrevista:**Nome: Denivalda Santiago Balosi, 29 anos “Dinha”****Você é da Bahia, né? Sempre morou lá, nasceu lá?**

D: Nasci lá, fiquei lá até uns 24 anos.

Você já tinha filhos lá? Era casada?

D: Já, tinha dois filhos, o Henrique o e Ricardo, daí quando eu vim pra cá, estava grávida dela, a Taís. Aí a Taís nasceu aqui...

E você veio lá da Bahia pra cá, por quê?

D: Olha, pra falar bem a verdade eu não estou aqui por livre e espontânea vontade. É porque a minha mãe veio primeiro, aí a gente ficou lá, todo mundo ficou lá. Veio só ela, o marido e a minha irmã, que é a Marise. Daí eles ficaram morando aqui. Só que daí, com o tempo, quando ela veio morar nessa invasão aqui, aconteceu um acidente com o marido dela e ele morreu. Daí ela ficou muito sozinha e longe... Ela gostava muito dele, ela ficou sofrendo muito. Aí a gente resolveu vir pra fazer companhia pra ela.

Quem veio?

D: Aí vieram as minhas duas irmãs e eu... tenho uma irmã que agora mora em São Paulo.

Daí vocês vieram pra fazer companhia pra tua mãe?

A: Sim

E Como que tua mãe veio pra cá??

D: Ela veio por causa do meu irmão. Meu irmão veio primeiro morar com parentes aqui. Quando ele veio, deu muito trabalho aqui, né? Aí o pessoal não queria ele em nenhum lugar. Ele saía muito pra rua, chegava tarde. E você que mora na casa dos outros tem que ter um horário certo pra entrar, né? Daí eu mesmo falei com a minha sogra que meus parentes não queriam ficar mais com ele, que tava andando com más companhias.

E ele era novo?

D: Era. Tinha 18, eu acho.

Ele veio pra trabalhar, né?

D: Veio pra trabalhar, só que quando chegou aqui, encontrou uma coisa diferente... aí começaram a ligar direto pra lá. “Jorge não arranja trabalho, porque Jorge tá assim...” Aí a minha mãe falou, “já que eu saí do emprego e que minha mãe morreu, como eu não tenho ninguém pra cuidar aqui, então eu vou até lá pra cuidar dele.”

Aí ela já veio pra cá?

D: Não, pra invasão não. Ela foi morar em São José. Daí como ela trabalhava e pagava aluguel. Uma moça, que agora é minha comadre, soube dessa invasão aqui. Ela disse que se eu quisesse, que a prima dela tinha dois terrenos lá. Que se eu quisesse era pra ir lá conversar com ela. Aí minha mãe veio conversou com ela, aí ela deu...

E ela comprou o terreno ou ganhou?

D: um ela comprou, o outro ganhou. Um a moça deu pra ela. O outro ela comprou. Aí ela ficou com os dois terrenos... Aí minha mãe veio e depois a gente veio também. Ela veio pra cá em 98 e a gente veio pra cá em 99. Viemos pra ficar com ela.

Esse terreno, é você que mora. Suas irmãs conseguiram outros terrenos?

D: Não, a minha outra irmã mora aqui comigo. E meu outro irmão veio embora, só que tá viajando, trabalhando. minha outra irmã mora ali na outra rua, do Recanto.

E aí vocês já conseguiram emprego?

D: Logo no começo não foi fácil! Conseguir emprego assim...a gente passou bastante dificuldade aqui em Curitiba. Não quero nem lembrar do começo..

E quando vocês chegaram aqui já tinha água e luz?

A: Não, quando eu cheguei aqui era horrível. Se tivesse dinheiro para a passagem de volta, tinha voltado. Estava horrível. Só mato!...aí eu falei: “Misericórdia, minha mãe mora dentro de um brejo!” ... porque era só mato, né?

Antes aqui alagava?

D: Não, aqui não. Era mais pra trás. Eles estão aterrando agora, que até pouco tempo ainda tinha destas cavas, coisa de água assim. Mas nessa parte aqui não tinha não, era mais lá pra trás. Era mato aqui, daí cortaram e fizeram os terrenos. Daí eu falei: “Nossa Senhora!” Porque a gente andava por tudo isso aí, por dentro dos quintais porque não era nada cercado. Daí eu cheguei e entrei, um barraquinho, barraquinho, barraquinho...eu me senti assim é, não querendo ser melhor, mas eu me senti assim que estava vindo assim -até hoje eu não gosto de morar aqui- eu me senti assim sei lá, baixa, no jeito de morar. Porque imagine, minha mãe saiu da Bahia, de um lugar tão bom pra morar aqui. Eu digo que perto do lugar que eu morava na Bahia isso daqui...eu morava num condomínio fechado. Porque a rua era toda calçada, tinha casa própria, tinha não,tem porque está lá até hoje. Tinha casa própria, rua calçada, água, tudo direitinho. E depois você vir pra um lugar que você tem que puxar esses gatos, água não sabe quando vai ter porque de vez em quando falta. É terrível você morar, é cheio de pernilongo, terrível.

Só por causa da sua mãe que você veio.

D: Só por causa da minha mãe, e é por causa dela que eu estou aqui até hoje, porque vontade de ir embora eu já tive, e chance de ir eu também tive.

E a casa lá, vocês alugam?

Não, uma colega mora lá, porque antes minha irmã morava lá, mas o marido dela veio trabalhar em Campinas e ela ficou na Bahia dois anos separada dele e ele trabalhando em Campinas. Daí ele resolveu alugar uma casa e disse pra ela ir morar com ele, porque ela ficar lá longe do marido só pra tomar conta da casa, né? A mãe falou assim: “Então você arruma alguém pra ficar na casa e pode ir pra morar com seu marido.” Aí ela colocou uma amiga que a gente conhece desde de pequena e meu pai cuida, vai lá olhar pra ver como estão as coisas, a gente manda dinheiro pra pagar água e luz. Então a gente está aqui não por uma necessidade, de casa não é necessidade. A gente veio por causa dela mesmo.

A tua mãe trabalha aqui? Deu tudo certo pra ela?

Trabalha. No começo deu, mas a firma que ela entrou faliu, não pagaram nada. E aqui de casa ninguém estava trabalhando, só ela trabalhava.

E como vocês se sustentavam o pessoal ajudava?

Aqui em Curitiba é difícil encontrar alguém que ajude. A gente tinha que se virar. A minha comadre que trabalhava junto com a minha mãe, ela já tinha mais condições e ela ajudava a gente. Ela conseguia uns trabalhos que dava pra gente, convidava a gente pra ir na casa dela no fim-de-semana pra fazer alguma coisa. Dava um dinheiro.

Ela mora aqui?

Não, ela mora em São José. Ela foi muito legal com a gente. Se não fosse ela, só por Deus, não sei o que seria da gente.

Essa casa aqui não tinha quando vocês chegaram?

Não, isso aqui era um barracinho, com duas peças. Daí a gente começou a trabalhar, fazer uns bicos, né? E depois a gente fez um curso de asseio e conservação. É um curso que ajuda você a conseguir emprego. Daí a gente trabalhava de ajudante de pedreiro. Daí o pintor falou: “Nossa, mas mulher fazendo esse tipo de serviço!” Porque a gente tirava entulho, limpava tudo pra eles pintarem. Ele falava: “É serviço muito puxado pra vocês.” Daí eu falei que era a necessidade, se não trabalhasse nisso ia trabalhar no que. Aí ele disse: “Mas vocês não sabem trabalhar com limpeza, essas coisas assim?” Eu falei: “Eu fiz um curso pra trabalhar com limpeza mas até hoje não consegui.” Daí ele falou da irmã dele que trabalhava no Pão de Açúcar e era encarregada, só que era por empresa terceirizada. Daí ele deu o telefone dela pra gente procurá-la. Só que a gente não foi de imediato, continuamos trabalhando com eles. Daí em dezembro deram férias pra gente, e em janeiro a mãe começou a procurar, porque não dava pra ficar esperando eles chamarem a gente. No final de janeiro ela decidiu procurar a moça que o rapaz falou. E ela foi sozinha, lá pra Colombo. E a gente não conhecia nada aqui. Minha mãe falou com a moça que mandou ela ir no escritório da firma. A minha mãe foi no escritório e fez uma ficha. Daí um dia minha comadre veio, porque a gente dava o telefone dela, e qualquer coisa que aparecia ela vinha lá de São José pra nos avisar: “Era cinco horas da tarde e te ligaram do lugar que você preencheu ficha hoje, e é pra você ir amanhã fazer entrevista.” De manhã minha mãe falou comigo: “Dinha, você vai comigo fazer entrevista porque eu estou com medo de ir sozinha e me perder. Mas leve seus documentos pra você deixar um currículo lá.” Eu peguei meus documentos e fui com ela. Chegando lá eu fiquei sentada, quando deu 8 horas da manhã a moça chegou e perguntou quem tinha ido pra entrevista. Minha mãe levantou o braço, e eu como não tinha ido pra entrevista fiquei quieta. Todo mundo foi entrando pra fazer a entrevista. Daí ela me perguntou: “E você?” Eu disse: “Eu vim pra fazer companhia com ela.” Ela falou: “Não quer trabalhar?” Eu disse: “Se eu conseguir eu quero.” Ela falou: “Então vem comigo também.” Daí ela começou a entrevistar e tinha um trabalho pra uma moça, mas que só queria pra meio período porque já tinha outro emprego. Daí ela falou que não dava pra ela. Então ela me perguntou se eu já tinha trabalhado, eu falei que sim, lá na Bahia, mas só por 18 dias. Ela falou: “Então você só tem 18 dias de experiência com limpeza.” Eu falei que sim e que tinha mais um curso que eu tinha feito aqui em Curitiba. Mostrei o certificado pra ela e ela falou: “Que bom que você fez um curso assim. Quantos filhos você tem?” Eu disse: “Tenho 3” “E a mais nova está com quanto tempo?” Daí eu

fiquei com medo de falar, a Taís ia fazer dois anos, ainda mamava. Mas eu falei que a menor já podia se manter sozinha. Daí ela falou: “Então o emprego é teu”. Saí de lá com a carteira assinada. Daí comecei a trabalhar, trabalhei dois anos lá. Saí porque eu pedi, porque eu não agüentava mais.

Era muito puxado lá?

Não é que era puxado, é que trabalhar em mercado não é bom. Você agüenta até um certo momento, você sofre muito preconceito e muita humilhação. É terrível, eu não sei como minha mãe agüentou e está até hoje.

Sofre com o pessoal que vai lá comprar?

Na maioria é de gerente. Tinha um gerente que me perseguiu em todas as lojas que eu fui. Eu saí de uma loja por causa dele, quando passou um mês ele estava lá de novo e pegou no meu pé. Eu fui perseguida por ele. Eu tinha trabalhado 8 dias, ele ligou pra moça pedindo pra ela me tirar da loja. Ela me chamou no escritório e disse: “O Anderson está muito ‘encucado’ com você porque você chega e diz: bom dia.” Mas eu vim da Bahia, num lugar que não conhecia ninguém, eu ia chegar pra trabalhar e vai ficar ‘de dente arreganhado’ se você não conhece ninguém? Não vai, é bom dia e acabou. Ele falou que eu era muito séria, que tinha uma cara enfezada, que passava e só falava bom dia. Daí a moça falou: “Mas eu não vou te tirar de lá porque eu gostei de você e você vai conquistar ele. Você vai me prometer que de agora em diante você vai ser bem alegrinha dentro da loja.” Eu falei: “Tá bom.” Foi quando eu me despertei, eu comecei a falar, mas daí ele se irritou. Porque ele reclamou que eu falava demais, porque daí eu falava mesmo, dava uma trela eu ia conversar, dava bom dia pra todo mundo, os clientes entravam e iam falar comigo, davam risada. Ele nem sabia meu nome, trabalhou um ano comigo dentro da loja e não sabia meu nome. Sempre me chamava pelo nome errado...eu deixava, até melhor porque se ele fosse reclamar de mim ninguém ia saber quem era. Ele me chamava de Marinalva.

Quarta Entrevista:

Nome: Valdete, 37anos e Edson, 26 anos.

Me contem um pouco como foi a vinda de vocês pra cá.

E: É um livro. Lá em Foz do Iguaçu estava difícil, nós todos morávamos lá.

V: Eu, pra falar a verdade, vim pra cá não por causa da cidade, porque eu adorava a cidade onde eu morava. Eu vim porque eu tenho uma tia aqui que foi nos visitar e me convidou pra vir pra cá e eu vim e adorei. Ela mora aqui na vila.

Vocês nasceram em Foz?

V: Não, eu nasci em São Paulo. Fui pra lá com 7 anos de idade, morei a vida inteira lá. Minha família toda é de lá. Menos a minha tia que mora aqui, minha família continua lá.

E: A minha também mora toda lá

Vocês já moravam juntos lá?

Já

Então a sua tia foi lá te visitar...

É, ela foi lá me visitar, falou que aqui era bom de trabalhar. Ela já morava aqui na Vila. E eu me empolguei. Tinha morrido um irmão meu lá, daí eu já desgostei de lá e vim.

E como vocês conseguiram o terreno, a casa?

Esse aqui eu consegui com trabalho, porque eu trabalhava aqui de doméstica. Com oito meses de trabalho eu comprei essa casa.

Você ficou na sua tia no começo?

Morei na casa da minha tia.

E ela ajudava vocês, ela arrumou emprego, alguma coisa?

Não, isso foi tudo por minha conta. Eu passei muita fome aqui, pegava coisa do lixo. Até que eu tive um padrinho, um senhor de idade, que inclusive eu agradeço muito ele, que me conseguiu o primeiro trabalho, como diarista. Eu trabalhei cinco meses numa casa de diarista, mais quatro meses em outra. E através dessa minha primeira patroa eu arrumei um serviço por mês. Aí eu comecei me erguer, larguei o trabalho de diarista porque eu ia ganhar um salário melhor no outro e foi onde eu progredi. Eu hoje tenho minha casa, tenho minhas coisas. Ta certo que agora estamos desempregados, catando papelão...

E: Mas é bem melhor, bem melhor.

Então vocês tinham problemas com a tua tia?

Tinha, muito problema. Eu comprava as coisas pra minha casa eles levavam tudo. A gente pagou um pedacinho de terra pra ela, que a gente morava atrás dela. Mas daí eu saí de lá, fiquei morando lá uns 8 meses. Vai fazer uns 4 anos que nós estamos morando aqui na Vila.

Já morava alguém aqui? Fizeram alguma troca ou foi em dinheiro?

Já morava um rapaz aqui, eu não sei direito. Arrumaram pra eu comprar aqui. A gente comprou em dinheiro mesmo, eu já tinha 800 reais no banco, porque eu ganhava 600 naquela casa, colocava 200 reais todo mês no banco. Eu já tinha uma quantia boa lá. Mas eu estava juntando dinheiro pra comprar outra casa em Foz, porque eu vendi a minha casa pra eu vir pra cá, aí como eu quebrei minha cara aqui eu ia voltar pra lá. Mas daí apareceu esta casinha aqui, eu peguei o dinheiro no banco e comprei, porque aqui é melhor pra gente viver, é bem mais fácil pra conseguir trabalho, lá é muito difícil.

E vocês construíram a casa ou já tinha?

Já tinha duas peças.

E a sua família continua lá, vocês não se falam muito?

Pelo contrário, a gente se fala todo final de semana. Sinto muita falta. Tenho uma irmã que falou pra eu vender aqui que ela dividiu a casa dela no meio, deixou duas peças pra ela, duas pra mim pra quando eu for pra lá já ter onde ficar. E eu não consigo vender. Eu queria vender e voltar pra lá, mas é difícil vender.

E: Agora eu não tenho nenhum parente aqui, minha família toda é de lá.

Então vocês só continuam aqui porque não conseguiram vender?

V: É, senão já tinha voltado.

E: Eu me criei naquela cidade lá, a vida toda morei lá.

V: Eu também me criei lá, adoro aquela cidade. Mas eu queria voltar porque eu me sinto muito sozinha aqui. Aqui é bom pra trabalhar, a gente não passa fome. Mas eu me sinto muito sozinha aqui. Há 4 anos eu moro aqui e só têm 2 casas que eu vou visitar. O povo é muito fechado.

Quinta Entrevista:**Nome: Marlene do Rocio Dias, 47anos**

Eu moro aqui há 10 anos. Quando eu vim de SC pra cá, de Mafra, a gente veio morar aqui na invasão. Pro lado de lá já tinham algumas casa, mas pra cá era só a minha. Aqui era cheio de mato, daí nós fizemos essa casinha aqui.

Você já era casada?

Já. Com o José Carlos. Daí a gente veio morar pra cá e o Marquinho e o Lucas nasceram pra cá. E minha vida foi assim, mais trabalhando do que em casa, sofrendo como eu estou até hoje. Essa casa aqui que quando dá vento dá o maior medo porque parece que vai cair.

Vocês vieram de lá por que?

A gente veio porque a mãe dele foi pra lá e disse que Curitiba tinha bastante emprego, tinha muitas coisas. A gente morava melhor lá, numa casa grande, segura que era da prefeitura. Mas daí ela fez a cabeça do filho dela pra nós virmos pra cá, que aqui nós íamos ter uma casa, toda mobiliada. Ela disse que não era pra nós trazermos nada de lá, que a gente não ia precisar pagar aluguel nada. Quando nós chegamos, tínhamos que pagar aluguel, 120 reais, mais a luz, água e gás. Era uma casa lá no Alvorada. Nós ficamos lá um tempo, até que veio esta invasão e nós mudamos de lá pra cá.

A mãe dele mora aqui?

Mora ali, morava no Alvorada também.

E tudo deu errado com você e ela, você não se dá bem com ela?

Errado fica quando esta velha se mete na minha frente. Ela já quer mandar em mim, e eu não gosto. Ela entra aqui e vai mexendo nas minhas coisas e eu não gosto. Problema de sogra.

Ela não ajudou em nada quando vocês vieram pra cá?

Ela não ajudou em nada, só ajudou a estorvar. Ela brigava com o velho dela na casa dela e corria pra minha casa.

Vocês não tinham emprego quando vocês chegaram?

Não tinha emprego, não tinha nada. Eu arrumei um de diarista. Eu já estava grávida, a Jaque era pequena e eu desempregada, não tinha as coisas em casa, os parentes dele não ajudavam eu saia pedindo nas casas. E ele (o marido) ficava zanzando. Ele arruma um serviço, fica uns dois meses trabalhando, daí ele sai...até hoje. Daí que ele começou a trabalhar lá nos mato, ficou lá uns 23 meses, saiu do serviço e agora ficamos com as crianças desse jeito, sem as coisas em casa...

Como vocês conseguiram esta casa, vocês que construíram?

Nós que construímos. Foi meu irmão que deu a madeira, ele mora lá em Colombo. Na verdade não foi só isso que ele deu, a casa que ele deu dava pra construir uma no tamanho

desta ali da frente e ainda sobrava madeira, com portas bonitas, vitrô...mas o que ele (marido) fez: vendeu tudo e fez isso daqui, bêbado...

O terreno aqui vocês só chegaram e construíram? Como estava no começo ninguém comprava ainda, né?

No começo ninguém comprava, era só chegar, colocar a casa e pronto. Até hoje ele joga na minha cara que o terreno é dele, que eu não tenho direito a nada, que eu não sou mãe dessas crianças, que ele só me achou na rua, que não me conhece.

E por que você ainda recebe ele em casa?

Eu falo que ele que tem que sair, que ele não coloca nada em casa. Ele fala que eu não tenho direito de receber o Bolsa Escola e o PET das crianças, que ele que tem o direito de receber. Daí eu falo: “Então vamos na justiça pra ver quem tem direito.” Porque ele fala que eu não sou mãe de nenhuma criança dele, que ele nunca me viu. Eu falei: “Ta bom, você fez essas crianças com a tua mãe.” Porque eu não assino o sobrenome dele, é disso que ele fica com raiva. Eu tenho no documento o sobrenome do meu outro marido.

Com esse você foi casada lá em Mafra?

Lá em Mafra. Eu tinha 19 anos quando eu casei com aquele lá, no civil mesmo. Fiquei uns 4 anos casada, tive uma menina que morreu. E antes de casar com aquele eu tinha uma filha de solteira que é a Alessandra, que está com 27 anos. Ela mora em Jaraguá do Sul.

E você tem contato com ela?

É, eu precisava da minha certidão de casamento que está com ela e minha cunhada mandou uma carta há duas semanas e até agora nada.

Você tem família que mora aqui?

Tenho meu irmão, que é casado com a irmã dele. Todos eram de Mafra. A velha veio pra cá, e foi tentar a gente pra vir pra cá. Aquela minha cunhada também morava lá, veio morar aqui. E eu acabei indo pela cabeça deles e hoje estou aqui sofrendo com essa bela raça que eu arrumei.

Quando vocês vieram prá cá não tinha luz, nada...

Não tinha nada, era matão, tinha vaca, porco, um monte de bicho. Tinha mato de espinho, árvore. E no começo vinha a policia, tirava fio de luz, cano de água, e depois que eles iam embora, a turma arrumava tudo de novo. Daí eles desistiram de vir, foi crescendo.

O irmão dele vai fazer de tudo pra me tirar das garras dele, porque hoje ele viu como é que estão as coisas. Vieram os dois irmãos dele que moram em São José.

E essa parte da família dele ajuda vocês?

Ajuda...tanto que só vêm me estorvar. Mas agora que eles viram o piá desse jeito(o filho estava doente de cama), o outro(marido) só na rua...daí eu expliquei tudo como está a minha vida, que ele não trabalha. Ele ainda teve coragem de dizer pra eles que eu escondo a comida pra ele não comer. Eu falei: “Mas se ele não traz, eu vou esconder o que? E escondo sim quando eu trabalho e trago comida para os meus filhos, isso eu escondo porque eu acho um desaforo eu ir trabalhar pra ele entrar só na pinga e nas drogas e depois

vir aqui comer.” Desde Mafra ele era assim, mas aqui ele piorou. Agora não vai nem catar mais papel pra sustentar o vício dele. Tem vezes que ele acha algumas coisas, como o tênis que o Lucas ganhou de uma mulher, e ele vende. Às vezes no Natal eu consigo uma cesta básica de um senhor, se eu trago aqui pra casa ele dá um jeitinho, coloca embaixo da blusa e sai vender ou trocar. No Natal passado eu ganhei 3 cestas básicas, quando eu voltei do almoço na casa do irmão dele, não tinha mais nada dentro de casa, ele tinha vendido tudo. Ele não vende os filhos porque não consegue...

Sexta Entrevista:**Nome: Perci**

Eu vim pra cá com a intenção de trabalhar, de abrir comércio. Eu já era comerciante antes. Eu morava em Foz do Iguaçu.

Como vc soube deste lugar lá em Foz?

Eu tinha um irmão que morava aqui, ele ainda mora aqui na vila. Ele morava aqui em Curitiba, daí ele soube da invasão, foi um dos primeiros, daí ele me falou. Eu tinha um restaurante, e levei um golpe da construtora Encol. Pagamos um apartamento e ela faliu, daí eu caí, fiquei lá embaixo. Daí eu vim, comecei com um mercadinho e montei minha casa. Então fui me dando bem, comprando terreno de um e vendendo pra outro, e eu fui crescendo. Com o lucro eu construí aqui. No começo era ali onde tem aquela loja, que também é minha. Eu moro ali, e trabalhava ali na “portinha” com o mercadinho, mas comprando terreno e vendendo eu fui ganhando dinheiro e investindo aqui.

A casa que você foi morar era do teu irmão ou você comprou?

Eu comprei.

Só o teu irmão mora aqui?

Só.

E a família continua em Foz?

Não, a mãe mora ai também. No começo era só ele, mas a depois a gente trouxe a mãe também.

No começo ele te ajudou ou você já tinha um dinheiro?

Eu vendi o restaurante.

Você é casado? Tem filhos?

Sim, eles vieram junto, são 3 enteados. Antes eu sempre morei em Foz, e também sempre tive negócio próprio.

Quando você veio pra cá já tinha luz, água?

Quando eu vim não estava bom assim. Mas o povo fez algumas manifestações, porque estragava muito aparelho, daí colocaram esses transformadores. Mas eu moro aqui perto, pra mim está bom. Mas tem muita gente que mora lá pro fundo que se prejudica, se sente muito prejudicado, não chega luz boa, fica sem água. Tem muita gente morando aqui agora. Sempre o pessoal se associa e faz uma vaquinha pra puxar.

Eu não tenho do que me queixar da vida, eu gosto do local. Tem muita gente que não gosta, muita violência. Mas eu nunca fui atingido pela violência. Eu trato bem todo mundo, do menor até o maior, do mais carente ao que tem mais condições, não trato mal ninguém.

Hoje em dia você tem que saber conviver com as pessoas, quem faz o lugar é a gente. Não adiante você vir de outro lugar, querer dar uma de riquinho, ser egoísta, não cumprimentar, esnobar, ou querer tirar alguém que está usando droga...tem que chegar numa boa: “Olha, aqui não é lugar de fazer isso, será que você pode consumir isso em outro lugar?” Porque

tem gente que já chega “enfiando a mão na orelha” , já chega criticando, batendo. Isso não funciona, não funciona nesses lugares. Você pensa que você está certo, mas na cabeça da pessoa você tá errado, e acaba arrumando pra cabeça.

Aqui tem muita violência...

Não, tá calmo, melhorou. Graças a Deus. Mas no começo...Esses tempos mesmo andou acontecendo algumas coisas aí. Isso aí é encrenca de pessoas do meio. Tem muita gente boa ai dentro, pessoas que querem escapar do aluguel. Pessoas que pegam um direito de firma, um tempo de trabalho, vêm e compram um terreno direitinho aqui dentro. Você acha que é pra que? Se eles pagam 2, 3 mil é lucro, porque eles ficam um ano aqui dentro e com 2, 3 mil eles pagam um ano de aluguel, água, luz. E aqui não, mesmo que ele more 2, 3 anos e depois saia já é lucro.

Eu vim pra trabalhar, porque eu pagava muito caro o aluguel lá em Foz, e cheguei aqui e foi melhor. Eu calculei: eu vendo o restaurante, vendo o carro e vou. Eu vim, olhei a vila primeiro, vi que era bom, pra trabalhar com mercearia. Vi que tinha só um ou dois comércios bem pequenos. Eu vim negocieei o terreno já com intenção de montar comércio. Daí vim, montei, me dei bem.

Sétima Entrevista:**Nome: Teófilo Álvares Tavares, 28 anos**

Eu sou natural de Curitiba, nascido e criado aqui, na região do Cajuru. Conforme eu cresci essa região cresceu. Todos nós um dia criamos asas e temos que sair debaixo das asas dos nossos pais, arrumamos um trabalho, construímos uma família. E infelizmente hoje em dia, devido a falta de oportunidade muito grande que há na nossa cidade a gente acaba se obrigando a ocupar uma área, às vezes não há a possibilidade de você ter uma casa. Mas você se obriga a ir construindo aos poucos porque o sistema da cidade, as oportunidades são tão poucas que acabam privando a gente de comprar o seu terreno próprio, a sua casa própria. Você entrar num financiamento, além de um avalista, você tem que ter um renda adequada para aquilo que você vai comprar. Às vezes você num financiamento acaba deixando até o alimento de lado, passa aperto com a família pra viver. Já aqui não. Mesmo a gente estando numa área de invasão, mesmo a gente estando sem água e sem luz ainda, a maioria das pessoas vivem de um pouco hoje, um pouco amanhã, as vezes no outro dia não tem. E acaba tendo uma mão pra sustentar a família. É o que traz as pessoas pra viverem nessas áreas.

Quando você veio estava bem no começo?

Quando eu vim era só mato. A gente dormia em barraco de lona, em cima do mato.

Com quem você veio pra cá?

Eu vim praticamente sozinho. Eu e meu pai. Meu pai me deu uma mão na construção da minha casinha, tenho vários conhecidos aqui na região. Um grupo de pessoas que acreditou que aqui daria uma área de habitação. E a gente começou a fazer nossas casas, com muito custo, tivemos que driblar até a militar quando começamos aqui. Uma viga de madeira nas costas, eles para um lado, a gente para o outro, e aos poucos foram surgindo essas casas aqui. E como é hoje na nossa cidade um grande investimento...

Aqui era considerada área de manancial, área de um parque. Hoje eu tenho ciência de que aqui uma parte é área da rede ferroviária federal, uma parte dos herdeiros de Henrique Mel, e outra dos herdeiros de João Guibursque. No andamento da Associação é que a gente veio tomar conhecimento disso e levamos ao conhecimento do Governo do Estado, da prefeitura municipal, da Cohab, da Cohapar pra que eles fizessem uma análise do local pra que eles fizessem as melhorias, as benfeitorias pra população. Mas essa área ficou 6 anos na mão do ex-presidente que não tinha uma vontade real de crescimento, não se empenhava no crescimento da área. Ficou 6 anos essa área largada, sem ter um representante que realmente levasse pro conhecimento publico que aqui vivem pessoas, famílias que tem direitos, que são cidadãos do nosso país, que são contribuintes. Não tem seu IPTU, mas também porque a prefeitura não tem a vontade política pra trazer a melhoria pra área, fazer uma negociação de proprietário com a população. Isso atrapalha muito. A gente tem muitas crianças com problemas de saúde devido a água que passa numa mangueira fina. Não tem infra-estrutura nenhuma.

Isso que melhorou muito, você que está desde o começo sabe, mas só por conta da população...

Eu estou há 1 ano e 4 meses na Associação de Moradores. São poucas coisas que a gente conseguiu, mas com muita luta. Essas ruas que entrou saibro, a gente teve que fazer muitos pedidos, teve que ser muito persistente. A travessia dos fios, a gente teve a parceria da ALL, mas a gente teve que levar ao conhecimento deles, através de fotografia pra comprovar a realidade. Nossas crianças que atravessavam os trilhos, o pessoal deles ali também, correndo riscos. Quando levamos ao conhecimento deles a real situação da área, eles se propuseram a nos doar o material. Tivemos a parceria com a Copel que até o momento da reunião com a ALL ninguém tinha a vontade de fazer alguma coisa pela área. Mas quando eles tomaram conhecimento da real situação da área eles se mostraram prontos, e vieram, nos doaram material. Foi feito um trabalho: comunidade - Copel e ALL. Conseguimos limpar o trilho. Nós temos sempre mandado papéis para o Governo do Estado, para a Prefeitura, para a Copel, Sanepar, até a última eu mandei novamente um ofício para a Cohapar... recebemos resposta principalmente da Sanepar dizendo que havia impedimento pela Cohapar, que eles tinham que fazer um serviço para que houvesse liberação da entrada da água. Então fomos procurar eles, já que há um projeto do Governo do Estado, dizendo que as famílias carentes estão com a Luz Fraterna, estão com água encanada, então que isso aconteça. Foi esse o intuito de mandar um ofício pra eles. Porque nós estamos cansados de muita promessa e nada se faz. Temos muitas famílias, muitos filhos crescendo e que no futuro vão precisar de uma habitação também, vão precisar de um local pra morar e infelizmente sem oportunidade. Eu tive em uma reunião na regional há dias atrás onde eles fizeram a entrega de 79 títulos de propriedade para pessoas aqui da região do Alto Cajuru, mas imagine 79 títulos numa região onde eu nem tenho a conta de quantas pessoas, é muito grande essa área.

Aqui da Vila você tem a quantidade de habitante?

Nós temos aqui no Icaray 1200 famílias. A Associação dos Moradores fez esse levantamento. Nós temos um cadastro dos moradores, nem todos tem porque têm pessoas que sai, vende seu terreno e não procura a gente pra refazer o cadastro. Assim que a gente assumiu a Associação a gente fez os cadastros, mas tem muita gente que vai embora, tem pessoas que não procuravam fazer. Passamos de casa em casa, mas alguns não estavam em casa. Algumas não tem o cadastro, mas a gente tem, de conta uma por uma as casas aqui, quantas casas a gente tem aqui no Icaray.

Você tem parente morando aqui?

Eu tenho meu avô por parte de mãe que veio de Londrina pra cá, vendeu a casa dele lá e infelizmente veio pra cá e minha avó faleceu aqui. Mas ele veio porque a maior parte dos parentes estava aqui em Curitiba. Eles tinham ido pra lá, não deu certo, eles voltaram pra cá, estavam comprando um terreno aqui, minha vó veio a falecer aqui. Meu avô tinha um rapaz que morava com ele que acabou sendo assassinado. Então ele vai voltar pra Londrina, ficou abalado. Aqui dentro da área, tenho mais uma tia, minha sogra, os parentes da minha esposa.

Mas você chegou antes do que todos eles?

É, eu sou fundador daqui. Sou morador fundador da área.

E esses parente que vieram, você quee falou da área pra eles ou vieram por conta?
Sem praticamente a minha influência, se influenciou foi pouco.

Mas vocês se ajudaram na construção das casas?

Sim, a gente está sempre trocando benefícios um com o outro porque é assim que cresce a vila. Não só com os parentes, mas com os vizinhos. Eu sou muito grato aos vizinhos daqui. Essa noite mesmo que passou (o primo, que morava com o avô, foi assassinado no dia anterior ao da entrevista) eu dependi de um. Foi uma pessoa que se dispôs. Temos muitas pessoas aqui excelentes, ótimas, mas numa área que não tem um vínculo de documentos, que não precisa de comprovação de nada. Acaba vindo essas más influências e acabam se alojando no meio de pessoas que estão com a necessidade de morar, de viver, e acabam prejudicando a gente, nossos jovens. A nossa imagem também. Eles só mostram isso, não a mobilização do povo. A realidade não é interessante pra muitos. E mais fácil você não ligar pra nada, do que você criar incentivos para que diminua a marginalidade...Temos muitas pessoas aqui que tem projetos, que trabalhos bonitos que podem dar um incentivo pra juventude, mas não tem apoio. Temos dentro da área 4 artistas que eu conheço que podem vir a dar aulas de artes plásticas aqui dentro mesmo. Mas para vir ajudar a gente não tem ninguém. A gente precisaria de material...Eu tenho meu trabalho com esculturas de ferro, tenho um amigo que faz trabalho com pintura de vidro com jateamento, tem uma senhora que faz aqueles enfeites de geladeira com arame e tecido....mas precisa de ajuda. Hoje existe muita propaganda de Banco Popular, Banco das Mulheres, mas você vai procurar ajuda, você vai à toa porque trancam as portas com a burocracia. Se você não tem uma renda tal você não pode. Eu fiz um levantamento através do banco da mulher para um projeto que eu tenho de fazer reciclagem de sucata, mas para a compra desse material, só para o aparelho de solda precisaria de 1800 reais, à vista. Então seria preciso no mínimo 18 vezes de 100 reais, e eles me passaram que o máximo que eles poderiam financiar era em 5 vezes de 100 reais. Como é que você vai comprar, se só um equipamento já não dá? Então, pra montar um projeto, você precisa de uma oficina inteira, porque envolveria muitas pessoas, muitos trabalhos. Mas a burocracia não abre espaço para isso, e a gente fica amarrado. Arrumar um padrinho, é muito difícil. Mas claro que a gente não perde a esperança, a gente pensa no amanhã porque a gente tem um futuro, a gente está plantando uma semente. As coisas mudam, mesmo a gente não conhecendo o amanhã, a gente tem que lutar por ele, pois temos gente nova chegando, nossos filhos, e a vida não pode parar jamais. Eu tenho um intuito de vida, apesar de hoje estar numa situação crítica, pois perdi um parente numa situação brutal, numa situação que ninguém quer viver...Eu gostaria de ter podido dar uma oportunidade pra ele ensinando ele o que eu podia, mas eu não tinha onde fazer isso. Se ele tivesse trabalhando comigo, tendo uma ocupação, ele não estaria envolvido nessa situação. E outros jovens que a gente tem por ai que estão no mesmo caminho. A gente acaba assistindo tudo sem poder fazer nada, com as mãos atadas. Sendo que você sabe que poderia dar um dia melhor pras pessoas, mas as portas são fechadas. A gente está batalhando pra que as coisas aconteçam, e não vamos parar, mas graças a pessoas que estão ajudando a comunidade a olhar para a vida de outro jeito. Trazendo uma palavra de consolo, de fé, de força de vontade, como os seminaristas, que saem fazendo missas, conversando com as pessoas...Graças a esses é que a gente cria forças pra continuar a lutar, procurando um dia melhor, acreditando em alguma coisa, apesar de não ser fácil.

Você conheceu sua esposa aqui?

Conheci ela aqui. Ela tem um tio dela que mora na outra rua aqui, na Cristal Transparente e eu tinha um amigo que morava ali também, numa casa na frente do tio dela. Então eu ia visitar meu amigo pra ver ela, e trocamos olhares de janela pra janela, começamos a conversar na rua, e acabamos no que está hoje. Tem uma sementinha aí que é o motivo também de a gente lutar pela vida e graças a Deus vivemos bem. Mesmo numa casinha humilde de madeira, erguendo um tijolinho dia-a-dia, são 7 anos que estamos construindo nossa casa aqui, eu monto os tijolinhos dia-a-dia. Depois que eu me casei com ela, me casei não, dei um nó nos trapo, pobre não casa, mas graças a Deus foi bem dado, a gente está vivendo muito bem, crescendo na vida juntos. Ela, apesar de ser bem mais nova que eu, temos quase 10 anos de diferença, mas tudo magnífico, pelo menos aqui na minha família, no meu lar, é abençoado. Eu tenho amizade com todas as pessoas aqui dentro da Vila, é bom. Estamos todos num estilo só, praticamente uma só família. São pessoas que umas são daqui, outra não são, outras vieram de longe, mas acabamos virando todos uma grande família. Quando se fala em Associação, apesar de alguns que criticam a gente, pra mim somos nós todos sócios de um mesmo pedaço de terra. Entramos aqui porque tínhamos a mesma necessidade e estamos usufruindo. Têm aqueles que vêm só com a intenção de vender, acabando até destruindo o sonho de alguns, mas acabam indo embora também, e vêm aqueles que querem construir, aqueles que querem um local mesmo pra morar. E assim tem acontecido em várias outras áreas aqui em Curitiba. Eu cresci junto com elas. E a gente espera que o nosso pedaço de chão também fique igual, e agente sabe que é com muita luta, com o apoio de pessoas que não existiam aqui, como o projeto Recanto Esperança, o dos seminaristas, outras denominações evangélicas que estão aqui dentro, que vem somar com a gente, e acabam se tornando parte da família.